

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

Trab. Cent.
S. 9. (e)
3465

MEMÓRIA E EXPERIÊNCIA DOS INTERNOS DO
“LAR ESPÍRITA DE AMPARO AO IDOSO ANDRÉ LUIZ”

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Documentação e Pesquisa em
História - CDHIS
Campus Stª Mônica - Bloco 1Q (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº
Cep 38400-902 - Uberlândia - M. G. - Brasil

ADALBERTO LÚCIO BORGES JÚNIOR

3465
S. 9. (e)

ADALBERTO LÚCIO BORGES JÚNIOR

**MEMÓRIA E EXPERIÊNCIA DOS INTERNOS DO
“LAR ESPÍRITA DE AMPARO AO IDOSO ANDRÉ LUIZ”**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do Pro. Ms. Gilberto Pereira Silva

Uberlândia, Março de 2007

ADALBERTO LÚCIO BORGES JÚNIOR

MEMÓRIA E EXPERIÊNCIA DOS INTERNOS DO
“LAR ESPÍRITA DE AMPARO AO IDOSO ANDRÉ LUIZ”

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Gilberto Pereira Silva

Profª. Dra. Dilma Andrade de Paula

Mestranda Orlanda Rodrigues Fernandes

Agradeço a Deus pelo suporte que me dá estando sempre do meu lado. Por me dar a cada dia a oportunidade de concretizar o que já comecei e ir em busca dos meus objetivos.

Aos meus pais Adalberto e Roseli pela imensa contribuição para a formação da pessoa que sou. Meus exemplos de união, compreensão, respeito, amor e doação pelas pessoas queridas. Iguais a vocês nunca terá.

Aos meus irmãos Roberta e David que sempre olharam por mim e me ajudaram sempre em tudo que precisei. Meus cunhados Fabrício e Vanessa pelo apoio moral.

A minha namorada Carol que com seu amor e carinho sempre me apóia e me motiva a alcançar todos os meus objetivos. Você é o motivo de tudo isso. Sua família, Ernani, Mariléa e Guilherme que me tratam como parte da família.

A Laylla, minha moleca que me alegra a todo o momento. Ao Freddy e a Katthy que jamais esquecerei.

Aos meus avós, tios, primos por acreditarem em mim. E os meus irmãos de coração Brunetz, Heliot e Chicão. Valeu!

Muito obrigado a todos

Agradecimentos

Agradeço a todas as pessoas que tornaram este trabalho possível, doando o seu tempo e paciência para que o resultado fosse obtido.

Ao Prof. Ms. Gilberto Pereira Silva pela sua orientação no meu trabalho sendo paciente quando o tempo era desfavorável a mim. Obrigado por suas opiniões sempre atentas me auxiliando na busca do melhor resultado.

A Profa. Dra. Dilma, pela sua grande ajuda nos percalços que vivi até a concretização deste trabalho. Ao João Batista por me ajudar da mesma forma.

Aos funcionários do Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz que na medida que lhes era possível sempre me ajudaram para que obtivesse êxito.

Um agradecimento especial aos velhinhos que me deram a honra de compartilhar o seu tempo e paciência, pela amizade e carinho de todos eles sempre me tratando com maior respeito e gentileza. Um forte abraço a todos vocês.

Resumo

Palavra (s) chave(s): Idosos, asilos, velhice, Uberlândia.

Este trabalho está voltado para o estudo da memória e experiência dos idosos que residem no Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz. É um trabalho desenvolvido a partir das entrevistas concedidas por alguns destes idosos, de funcionários, representantes do poder público na cidade de Uberlândia e pela documentação que me foi apresentada.

O trabalho tem como foco os próprios idosos do Lar, buscando, a partir dos relatos, observar a relação destes com o seu passado, com sua família, amigos, funcionários, com os demais internos e com o próprio local onde vivem. Observamos também a diversidade de pessoas existentes nestes asilos que por motivos diversos vieram a dividir o mesmo lugar já nesta etapa da vida.

Por estarem inseridos numa instituição que abriga idoso, faz-se necessário uma apresentação acerca do lar que estes idosos residem. Abordarei um pouco sobre as políticas existentes na cidade voltadas para os idosos institucionalizados, sua origem, as atividades desempenhadas em benefício dos idosos, e como estes lugares interferem, ou não, no dia a dia destes internos.

Finalizamos com uma análise sobre os objetivos alcançados no trabalho e sugerindo algumas propostas para o desenvolvimento da pesquisa com o intuito de se buscar uma maior compreensão acerca do assunto.

SUMÁRIO

Introdução	06
Capítulo I – Velhice institucionalizada	11
1.1 - Asilo: Função social e relação entre velhice e improdutividade	11
1.2 - Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz origem e estrutura de funcionamento	16
Capítulo II – Cotidiano e experiências dos idosos no Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz	27
2.1 – O asilo sob a perspectiva do idoso	30
2.1.1 – De onde vieram e o que encontraram	31
2.2 – Relação com o trabalho e família – cotidiano e expectativas	37
Considerações Finais	47
Referência Bibliográfica	49
Anexos	51
Anexo 1 – Estatuto Social do Grupo Espírita André Luiz	
Anexo 2 – Documentação Prefeitura Municipal de Uberlândia sobre políticas voltadas ao idoso	
Anexo 3 – Estatuto do Idoso	
Anexo 4 - Transcrição entrevistas	

Introdução

No ano de 2.002 tive a oportunidade de ter contato com asilo “Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz” em Uberlândia - MG, um universo até então desconhecido, em que eu tinha apenas uma vaga noção de como deveria ser a vida de um idoso que morasse num asilo. Meu conhecimento sobre o assunto aproximava-se muito do senso-comum, de como era viver num asilo, como e por quais motivos estes velhos iam morar nestas casas de repouso.

A partir do primeiro contato muitas de minhas opiniões foram descendo por água abaixo. Anteriormente confesso que a minha idéia sobre as casas de repouso e os asilados estava completamente relacionada às informações que chegavam a mim através de matérias em jornais, televisão e de relatos de poucas pessoas que já haviam tido contato com algum asilo anteriormente.

Mas o que mais me intrigava era a idéia comum que as pessoas tinham sobre estas instituições, principalmente as pessoas que nunca tiveram contato direto ou indireto com estas casas de repouso. A idéia mais marcante passada a estas pessoas de modo geral era de que seria um lugar onde os idosos estariam abandonados não só pelos familiares, pela sociedade, mas também pelos funcionários dos asilos, enfim, seria o último lugar do mundo que todos gostariam de passar os últimos dias de sua vida. O interessante é que sempre havia ressalvas, opiniões com o intuito de não se generalizar o assunto como: “Mas existem lares para idosos onde eles têm todos os cuidados possíveis, mas são particulares e custam caro. Só as pessoas com mais condições que moram lá”. Frases como estas eram comuns nas rodas de amigos e familiares. Então o que se poderia encontrar nos demais asilos onde na sua esmagadora maioria mantém-se através de donativos, subsídios, que acolhem idosos sem nenhuma condição financeira e que correspondem a realidade da grande maioria dos asilos do país? Devemos então esperar um total descaso com estes idosos, abandono, largados à própria sorte? Como será a vida de um interno, suas preocupações, seus sonhos, como era sua vida antes de se mudar para o lar?

Foram surgindo várias questões que eu gostaria de compreender. Como viviam os velhos, sua relação com o seu passado e seu presente, como eram suas vidas dentro

do asilo, de onde vieram, o que faziam qual e a idéia que tinham sobre uma casa de repouso. Enfim, o fato principal não era entender como era um asilo simplesmente – embora seja fundamental conhecer o espaço e nos propomos a isso também - ou como se vivia lá dentro, mas sim quem habitava este lugar. Suas vidas não se iniciaram a partir do momento que se mudaram para o lar. Há toda uma história, uma bagagem que vai se “perdendo” com o passar tempo para a sociedade, mas que para cada idoso deve ser lembrada, cultivada como uma maneira de manter viva sua importância, seu passado e dar significado à sua história, sua caminhada. É na busca desta angústia, nestas histórias de vida e na sua relação com o presente destes idosos, em especial a dos internos do Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz, que se propõe esta pesquisa.

Tive a oportunidade de conhecer o Lar através de visitas familiares durante os domingos e comecei a freqüentar constantemente a casa e ficar fascinado com cada velho, a relação que eles tinham com cada visitante do asilo, com a ansiedade que eles demonstravam cada vez que alguém sentava ao seu lado para conversar como se tivessem algo para dizer, e realmente tinham. Eles queriam ser ouvidos, se sentirem úteis de alguma maneira seja repassando seus conhecimentos ou reconhecendo no seu passado que já foram úteis, mas não tinham tempo, pois “havia outras pessoas a serem cumprimentadas”. Como já disse Ecléa Bosi¹ o trabalho está ligado a sua vida, sua existência plena encarando o trabalho como uma maneira de afirmação da sua existência, de sua importância enquanto sujeito.

Inicialmente meu contato era apenas como visitante, conversava com os internos, funcionários, até que com o passar do tempo meu interesse sobre o olhar destes idosos sobre sua própria realidade e a sociedade foi aumentando cada vez mais. Logo tive a oportunidade que precisava para mergulhar um pouco mais neste universo. Na disciplina de graduação no curso de História Tópicos Especiais II em História do Brasil, ministrada pela Dra. Célia Rocha Calvo, os alunos deveriam realizar um trabalho de campo com temas livres. Bastou apenas o fim da explicação sobre como deveria ser realizado o trabalho para o meu tema ser escolhido, era sobre os idosos do Lar de Amparo ao Idoso André Luiz. Ao final do trabalho, quando era de se esperar certo contentamento, me deparei com uma vontade ainda maior de discutir e aprofundar mais no tema buscando compreender vários pontos que, a partir daí, permaneceram sem uma explicação que possibilitasse minimamente compreender como é a vida destes idosos,

¹ BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 6ª ed., São Paulo: Ed. da USP, 1987.

não sob o ponto de vista institucional, mas sim sob os olhos do próprio interno. Tornava-se então necessário trabalhar com a idéia que Bosi em seu livro *Memória e Sociedade: Lembrança de velhos* chamou de “comunidade de destino”², onde enquanto observador deveria suspender inteiramente qualquer possibilidade de realizar apenas visitas temporárias e ocasionais aos observados, me inteirando de maneira irreversível no destino dos sujeitos observados. Enfim resolvi transformar o tema em monografia.

Procurarei nesta monografia trabalhar o tema de uma maneira que o leitor possa discutir junto à obra alguns aspectos acerca da memória dos velhos e como ela é tratada não só pela sociedade, mas pelos mesmos. O objetivo é fazer com que estes idosos relembrem suas histórias, refaçam o caminho trilhado ao longo do tempo fazendo um exercício de resgate dele enquanto sujeito que através de sua memória individual constrói a memória coletiva.

Observar o espaço institucional que estão inseridos os idosos é fundamental para compreender alguns aspectos como a mudança na rotina de vida, nos costumes de cada interno e também como estes se relacionam com o local e qual a visão que se tinha de uma casa de repouso. Para isso trabalharemos com os sujeitos históricos que compõem este Lar, não detendo totalmente à Instituição em si, mas utilizando dados sobre a estrutura de funcionamento desta para entender como os internos se situam nela e como ela se transforma, ou não, em elemento de disciplinarização dos corpos.

Como a base do trabalho está fundamentada principalmente na memória e experiência dos velhos que residem no Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz, a utilização das entrevistas realizadas com alguns destes são fundamentais para compreendermos um pouco da história de cada um auxiliando no tratamento da memória relembando o passado. Enfim, o trabalho com “História Oral” se tornará a base de toda a pesquisa acerca do assunto. Como ressalta Portelli:

“(...) a historia oral é um campo que trabalha intensamente a subjetividade e a memória possibilitando assim uma grande quantidade de interpretações seja do entrevistado, do autor e ate mesmo do leitor sobre determinado fato”³.

A historia oral trabalha com a diferença por dar ênfase ao indivíduo e não ao coletivo, embora ele mesmo reconheça que a historia oral trabalhe com o individuo, mas

² Comunidade de destino já exclui, pela sua própria enunciação, as visitas ocasionais ou estágios temporários no lócus da pesquisa. Significa sofrer de maneira irreversível, sem possibilidade de retorno à antiga condição, o destino dos sujeitos observados.

³ PORTELLI. Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*. São Paulo, nº. 15

ao mesmo tempo com o coletivo. Assim, através das entrevistas buscaremos ouvir do indivíduo suas memórias com a finalidade de resgatar esta e mostrar a ligação existente entre ela e a memória do coletivo.

O tema nos possibilita utilizarmos também fotografias como um recurso que nos revela um pouco do cotidiano dos internos. Reconheço que em alguns momentos o trabalho carece de fundamentação, de documentação, mas saliento a dificuldade encontrada para ter acesso à documentação do Lar. Alguns documentos como o Estatuto do Lar, regimento interno e as fichas dos entrevistados que seriam de grande importância para conhecermos melhor a instituição e os sujeitos históricos observados não tive acesso, com a justificativa usual de se tratar de documentos de uso interno que contém dados sigilosos.

Encontrei a mesma dificuldade de obter documentos na Prefeitura Municipal de Uberlândia. Primeiramente por realmente não haver muitos dados acerca das instituições asilares, o que dirá dos internos. A falta de uma política que propusesse conhecer melhor quem são estes idosos institucionalizados e como vivem são apenas alguns pontos que reafirmam o descaso que há com eles. Tive contato com alguns destes documentos, mas não me foi possível retirar cópias dos mesmos.

O trabalho é dependente dos relatos dos funcionários do Lar, dos representantes do poder público e dos internos do asilo, mas, mesmo sem autorização para retirar toda documentação, todas as informações que necessitam de documentos estão fundamentadas nos mesmos quando me foram apresentados durante as entrevistas.

A monografia estará dividida em dois capítulos. O primeiro capítulo “Velhice institucionalizada” está subdividido em “Asilo: função social e relação entre velhice e improdutividade” e “Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz – origem e estrutura de funcionamento”.

A primeira subdivisão se propõe a analisar alguns aspectos de suma importância para o desenvolvimento do trabalho. A origem dos asilos e como estes são legitimados pela sociedade é um dos pontos observados. Será abordada também como a velhice é vista na sociedade capitalista onde está inteiramente associada à produtividade dos indivíduos, e sua importância enquanto indivíduo é vinculado ao período em que consegue produzir com a mesma velocidade, no mesmo tempo que uma pessoa no início de sua vida produtiva. Também se aterà mais especificamente a algumas considerações a serem feitas acerca da instituição, sua função perante a sociedade e como é um

importante instrumento social de controle como pode ser observado já no segundo capítulo, a partir das entrevistas feitas com os internos do Lar.

Na segunda parte “Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz – origem e estrutura de funcionamento” faremos uma apresentação do “Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz” demonstrando a sua origem, como surgiu a idéia de fundar um Lar que atendesse um maior número de pessoas. Faremos um breve histórico sobre a instituição e seu papel na sociedade e como esta também contribui e interfere no dia a dia do asilo; como é sua integração com os internos e qual seu papel na integração destes à sociedade através de atividades desempenhadas por eles; e sua “rotina”, regimentos, etc.

No segundo capítulo chamado de “Cotidiano e experiências dos idosos no Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz” dividido em “O asilo sob a perspectiva do idoso” e “Relação com o trabalho e família – cotidiano e expectativas” procuramos trabalhar com os sujeitos históricos que compõem este Lar tendo como objetivos trabalhar com a memória dos idosos com base nas entrevistas relatadas por eles, para que possam expor seus sentimentos, fazendo uma relação entre o seu passado e seu presente. Procuramos mostrar também as diferentes origens, as relações familiares, com os funcionários, com a sociedade e com demais internos do asilo e como são tratados no Lar. O que os levou a se mudar para o asilo e, com isso, será possível observar as resistências, ou não, que estes possuem com relação ao seu passado e ao asilo além de procurarmos entender qual a visão que tinham sobre um asilo, seus conceitos e preconceitos acerca disto, e se esta visão ainda é a mesma e como ela foi se construindo. Suas perspectivas de vida, seus sonhos, desejos, carências, lembranças, como se ocupam. Com isso alguns aspectos como as privações que suas vidas sofreram após se mudarem para o Lar e suas reflexões sobre a sociedade e a realidade que vivem tornam-se imprescindíveis aos objetivos desta monografia.

Concluindo, farei uma análise sobre a importância do tema e os resultados que obtive durante esta primeira oportunidade agindo como pesquisador. Algumas perspectivas acerca da obra e propostas buscando o desenvolvimento do tema para o seu enriquecimento também estarão presentes nas considerações finais do trabalho.

Capítulo I – Velhice institucionalizada

1.1 – Asilo: Função social e relação entre velhice e improdutividade

Para efetuarmos um estudo acerca da memória e vivências de velhos, especialmente os que residem no Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz, deve estar claro em nossa mente a importância que o meio em que vivem atualmente estes idosos tem e se pode ou não interferir em sua conduta atual, na sua expectativa enquanto ser que se encontra à margem da sociedade. Como não seria possível analisarmos o cotidiano de presos numa penitenciária sem buscarmos compreender como funciona a mesma, ou de pacientes internados num manicômio sem observarmos as estruturas que comandam este lugar, faz-se necessário o mesmo processo para compreender minimamente as estruturas institucionais de um asilo, sua forma de organização, como funcionam, seus objetivos, enfim, todo aparato institucional que um idoso deve aprender a conviver e respeitar a partir do momento que ele passa a ser um morador de uma casa de repouso.

Independente de qual seja a instituição, seja um detento num presídio ou um paciente num hospital, um velho no asilo, eles devem respeitar e conviverem com certas regras comportamentais e de convivência, para que seja mantida certa “ordem” dentro do asilo com o objetivo de regular as atitudes de cada indivíduo vigiando-o, controlando suas ações, interferindo na sua liberdade dando a idéia de ser em nome do bem estar coletivo dentro da instituição, mas principalmente fora dela. Para que isto ocorra é necessário todo um aparato institucional que viabilize a implementação de algumas medidas controladoras que possam resultar na eficácia do modelo implementado, ou seja, a disciplinarização dos corpos.

Seja qual for o modelo institucional observado, o controle do tempo e dos corpos são duas maneiras chaves para a consolidação de um sistema institucional social e disciplinador que visa o controle total das ações individuais com o intuito de manter a ordem reguladora. Salma Tannus Muchail, ao analisar as obras de Michel Foucault

acerca das chamadas “instituições disciplinares”, observa acerca do controle do tempo nas instituições disciplinares:

*“De maneiras mais abruptas ou mais sutis e com diferentes técnicas, pode-se dizer que o controle do tempo é exercido continuamente não só nas fábricas, como nas escolas, nas prisões, nos orfanatos, nos hospitais, nas casas de correção, etc., como um dos nós que amarram esta rede de instituições”*⁴.

Estes “nós” são os mecanismos reguladores presentes dentro das instituições visando vigiar, controlar, punir e moralizar ações e atitudes de acordo com a ideologia adotada nestas instituições que nada mais é que o reflexo de uma parte da sociedade moralista e excludente. Dentro de uma instituição que acolhe idosos não é diferente; todos os internos devem seguir regras, são vigiados e punidos quando questionam ou não cumprem as mesmas.

Os asilos surgem do mesmo embrião dos presídios, hospícios, orfanatos. Nascem a partir de uma necessidade que a sociedade tem em não deixar transparecer a sua fragilidade e contradições, e quando isso ocorre, elas devem ser isoladas para não contagiarem o resto do sistema. Um detento, um mendigo ou um velho abandonado são as provas de que há falhas estruturais no sistema, mas são tratados como resultado de suas próprias inaptidões e erros cometidos ao longo de suas trajetórias, uma vez que, para a sociedade, todas as chances foram dadas, mas o indivíduo falhou.

Assim nascem as instituições sociais como um asilo; quando é detectado algum tipo de ameaça à ordem social e quando essa é percebida pela classe dominante como uma ameaça gera instituições para o controle, a circunscrição e a diminuição do problema. Estas instituições, muitas vezes, acabam mascarando o problema e passando a impressão que este está controlado através da exclusão destes sujeitos do convívio com a sociedade e, como observa Cilésia Aparecida Pereira no seu estudo sobre o Asilo São Vicente de Paulo em Paracatu a função destas instituições é:

*“As instituições se apresentam como solução para os problemas sociais e são legitimadas por um discurso de promoção da caridade e de restituição de direitos, embora não dispense, sempre que necessário, o uso da violência para atender a seus objetivos”*⁵.

Por estar inteiramente relacionado à produtividade, o tempo do indivíduo na sociedade industrial é controlado de maneira que se possa transformá-lo em mercadoria

⁴ MUCHAIL. Salma T. O lugar das instituições na sociedade disciplinar. Pág203

⁵ PEREIRA, Cilésia Aparecida. A institucionalização da velhice e o cotidiano de internos do asilo São Vicente de Paulo em Paracatu – Uberlândia, 2004. p. 43.

e trocado por um salário; o tempo dos homens é transformado em tempo do trabalho. Para isso, o controle do tempo serve como um divisor entre a hora produtiva e à hora de descanso que também é utilizada para movimentar a outra roda do sistema, o consumo. Trabalha-se em troca de salário para o consumo. Quando um idoso não é reconhecido mais como ser produtivo à sociedade, sua mão-de-obra não é mais qualificada, ele depara com inúmeras barreiras que tem o intuito de reforçar a sua exclusão. Elas se baseiam na idade avançada como um obstáculo para uma melhor capacitação, trazendo consigo a lentidão na realização das tarefas, mais suscetíveis a doenças, portanto não possuem mais as mesmas capacidades que um jovem que poderia ser melhor “modelado” para o mesmo trabalho exercido outrora pelo idoso.

Segundo podemos observar na fala de Pereira:

“A inaptidão ao trabalho resulta da falta de condições de produtividade da mão-de-obra: saúde deteriorada, educação deficiente, mortalidade, idade avançada. A inaptidão social resulta das condições psicossociais da mão-de-obra: quando manifesta insatisfação e quando faz pressões sociais (o que é considerado desvio social)”⁶.

Na sociedade capitalista essa inaptidão ao trabalho leva à inaptidão social, que é quando o sujeito acaba carregando para todas as esferas sociais o rótulo de incapacitado tanto para o trabalho quanto para desempenhar seu papel de pai, mãe, de sujeito histórico, enfim, de sua posição na sociedade. Para isso a sociedade capitalista se utiliza de mecanismos que servem tanto para fundamentar sua posição acerca da incapacidade das pessoas mais idosas de desempenharem atividades produtivas e de liderança, quanto para reafirmarem esta postura. Através de políticas direcionadas especialmente para os idosos como aposentadoria, o desenvolvimento de uma economia voltada para atender especificamente este mercado consumidor, uma medicina especializada, leis específicas que reiteram a idéia de que eles fazem parte de um nicho diferenciado do restante. Assim,

“Considerados “inaptos” ao trabalho, eles são também transformados em inaptos” sociais. Isso porque, segundo Faleiros, as ameaças à classe dominante podem ser de duas ordens: a reprodução da força de trabalho e a paz social. Dessa forma, ao promoverem a assistência aos idosos, ou oferecer qualquer outro tipo de benefício social, que não inclui o aumento dos salários de trabalhadores, estão contribuindo para a reprodução da força produtiva”⁷.

⁶ PEREIRA, Cilésia Aparecida. A institucionalização da velhice e o cotidiano de internos do asilo São Vicente de Paulo em Paracatu – Uberlândia, 2004. p.43.

⁷ PEREIRA, op. cit p.43.

No que se refere à aposentadoria Clarice Peixoto faz uma ligação entre a velhice e a invalidez. O porquê desta relação que torna um velho automaticamente um ser improdutivo relacionando ao custo que, segundo o capitalismo, torna a mão de obra do idoso mais cara que a de um jovem:

*“A velhice dos trabalhadores está vinculada à invalidez, ou melhor, à incapacidade de produzir. A partir desta lógica, o patronato empresarial instituiu as caixas de aposentadorias, cuja finalidade principal era reduzir os custos de produção, pois se “desfaziam” dos velhos trabalhadores, cujos salários já não compensavam o rendimento que tinham”.*⁸

Segundo Marilena Chauí na apresentação da obra de Ecléa Bosi - Memória e sociedade: lembrança de velhos - a velhice assim como nos é oferecida, é o fruto de uma sociedade que privilegia o consumo, a produção incessante onde, através de uma gama de aparatos disciplinadores, fazem com que o velho seja encarado como um ser não mais produtivo e incapaz de acompanhar o ritmo imposto pela sociedade de consumo. Cilésia Peixoto acrescenta ainda que:

*“A sociedade industrial engendra desvalorização àqueles que estão à margem do processo produtivo, àqueles que perderam a cadência dos músculos. Parece ser o trabalho uma das poucas condições que confere um lugar social a um indivíduo. Fora desse mundo, o idoso é expropriado progressivamente de suas funções sociais, das decisões sobre sua vida, dos seus negócios e, não raro, do convívio familiar, ou seja, perde sua dignidade”.*⁹

Estas políticas não deixam de serem benéficas aos idosos, mas ao mesmo tempo em que se cria um “mercado consumidor” novo, essas políticas tornam-se cada vez mais excludentes para uma boa parte dos idosos que não possuem condições de ter acesso a esses benefícios.

As instituições asilares fazem parte destes mecanismos criados pela sociedade, avalizadas muitas vezes por um discurso assistencialista visando à caridade, criando uma impressão ambígua onde, ao mesmo tempo em que se passa a idéia de que se cuida de uma categoria estigmatizada e excluída pela sociedade, estas instituições fazem o controle para que estes idosos fiquem afastados dos olhos da sociedade. Ou seja, enquanto não está ferindo os olhos, o “problema” está controlado.

Segundo dados concedidos pela Prefeitura Municipal de Uberlândia através da diretora da Diretoria de Proteção Social ao Idoso e Pessoa com Deficiência, Selma

⁸ PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: BARROS. *Velhice ou terceira idade?* 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2.000.

⁹ PEREIRA, Cilésia Aparecida. A institucionalização da velhice e o cotidiano de internos do asilo São Vicente de Paulo em Paracatu – Uberlândia, 2004 p. 132.

Carrijo¹⁰, existem hoje na cidade nove lares que atendem idosos institucionalizados sendo quatro deles subvencionados pela Prefeitura e os demais são particulares, com fins lucrativos. Esta subvenção funciona da seguinte forma: a Prefeitura auxilia com uma quantia mensal - que não pude ter acesso ao valor, pois, segundo Selma Carrijo, para se chegar a esse valor leva-se em conta vários fatores observados a partir de uma análise sobre o asilo e seus gastos – que é administrada pelo próprio Lar e que depois tem que prestar contas explicando como este dinheiro é gasto. A Prefeitura também paga o salário de um quadro mínimo de funcionários, mas apenas os que possuem curso superior.

Através de entrevista concedida pela diretora Selma Carrijo, a Prefeitura não possui dados reais de quantos idosos se encontram internados em asilos na cidade. Há uma proposta que visa catalogar todos os idosos institucionalizados em Uberlândia, pois, têm-se apenas uma estimativa a partir da capacidade de atendimento de cada asilo, mas mesmo assim é um dado que a da Diretoria de Proteção Social ao Idoso e Pessoa com Deficiência não tem.

Além de catalogar os idosos institucionalizados, Selma informou que o governo municipal está com uma proposta de criar uma lista de espera única para todos os Lares onde os velhos que estejam aguardando vagas para serem internados façam parte de uma lista organizada pela Prefeitura e que, quando houver vaga em algum Lar subvencionado este idoso será encaminhado para ele. Atualmente cada Lar possui sua própria lista de espera, então o que está ocorrendo é que o mesmo idoso pode se inscrever em todos os asilos que não há controle algum.

Para que se possa ter um bom convívio entre os internos, funcionários e visitantes é necessário que as normas sejam rigorosamente respeitadas. Horário de refeição, de visita, de atividades recreativas, assistência médica e de higiene pessoal devem ser respeitadas tanto pelos internos quanto pelos visitantes. Regular o tempo numa instituição como um asilo é ordenar e disciplinar o meio afim de que se centralize o poder tendo o controle das ações cotidianas facilitando a vigilância destas e dos internos.

Ao longo da pesquisa pude observar que o Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz procura seguir seu estatuto, normas e regulamento com o intuito de alcançar seus objetivos de caridade e assistenciais propostos tanto para os internos quanto para a

¹⁰ Selma Carrijo. Diretora da Diretoria de Proteção Social ao Idoso e Pessoa com Deficiência. Entrevista concedida em Fevereiro de 2.007.

sociedade. Um asilo deve ser um local que esteja voltado à busca do bem estar do idoso, dando-lhe todo o aparato necessário para que eles tenham uma velhice com qualidade, respeito e carinho. A partir de agora apresentaremos o Lar, conheceremos a sua origem, sua estrutura de funcionamento, objetivos, enfim, tudo que precisaremos para então entrarmos em contato com o verdadeiro objetivo deste trabalho; os moradores do Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz.

1.2 - Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz – origem e estrutura de funcionamento

O Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz nasceu a partir do Grupo Espírita André Luiz e sua proposta filantrópica e de caridade de seus membros que auxiliavam os idosos, mendigos e pessoas com necessidade na região dos bairros Patrimônio, Tubalina e outros.

Com base nas informações dadas pela coordenadora do Lar, Dona Simone Mendonça¹¹, e na documentação que me foi apenas apresentada – alegando possuir alguns dados que continham informações de uso apenas interno - anterior ao surgimento do Lar, no local funcionava apenas o Grupo, fundado em 21 de fevereiro de 1987, na Rua Ipanema nº840, no bairro Copacabana em Uberlândia (MG). Uma entidade religiosa de natureza beneficente, constituída e organizada com o objetivo de ensinar e praticar a Doutrina Espírita, bem como orientar a todos seus adeptos na prática da caridade. As atividades de amparo aos idosos carentes foram iniciadas em 1987, com visitas domiciliares realizadas pelos integrantes do Grupo Espírita, levando aos assistidos alimentação, medicamentos e auxílio na orientação e prática de higiene pessoal e da habitação com ajuda em materiais de construção, móveis, etc. Posteriormente, com a ampliação do número de famílias atendidas e constatado o estado de debilidade natural que a idade e a carência de gêneros essenciais ocasionam às pessoas, foi necessário buscar uma estrutura que pudesse dar uma maior estrutura para essas pessoas assistidas e que desse a oportunidade de expandir esse auxílio a outras

¹¹ Simone Mendonça. Coordenadora do Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz. Entrevista concedida em Maio de 2.006.

peças. Foi criado, em 17 de fevereiro de 1991 o Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz, construído sob regime de mutirão em terreno de 1.000m² doado pela Prefeitura Municipal de Uberlândia na gestão do Prefeito Virgílio Galassi, com material adquirido através de doações e atividades que possibilitam a arrecadação de dinheiro. Com uma área construída de 792m² o Lar possui hoje uma estrutura para acomodar quarenta e cinco (45) idosos, mas atualmente são assistidos apenas quarenta e um (41) em regime de internato. O Lar é uma entidade asilar, filantrópica e sem fins lucrativos mantido pelo Grupo Espírita André Luiz com sede no mesmo local.



Foto 1 - Fachada do Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz no Bairro Copacabana Uberlândia/MG. Foto tirada em Março de 2.006.

O Lar hoje é o único trabalho social desenvolvido pelo Grupo. Para a administração do Lar é formada uma comissão de pessoas que fazem parte do Grupo há pelo menos um ano, freqüentadores efetivos que participam das atividades e reuniões e que demonstrem dedicação e boa vontade interessando-se pelos problemas e necessidades do Lar. Todos podem votar e serem votados. São membros desta administração seis (6), todos voluntários, eleitos para uma gestão de dois (2) anos para administrar e coordenar as ações do Lar. As decisões administrativas e financeiras mais importantes são tomadas pelas pessoas do Grupo que são eleitas para a administração do

Lar e que respondem legalmente por tudo que ocorre dentro dele. Além do papel administrativo do asilo, também são responsáveis por promoverem eventos ligados à doutrina espírita como estudos, leituras do evangelho, passes, etc.

A diretoria do Lar se reúne bimestralmente, e extraordinariamente sempre que apresentarem situações que justifiquem, para deliberarem sobre todos os assuntos pertinentes às atividades desempenhadas pelo Grupo. (ANEXO 1)¹²

Através de informações dadas pela secretária do Lar, Dona Laudi¹³ são gerados cerca de trinta (30) empregos diretos e que não precisam necessariamente estar vinculado ao Grupo Espírita para ser empregado. São funcionários de serviços gerais, limpeza, cozinheiras, auxiliares de enfermagem, secretários e os coordenadores. Além destes funcionários o asilo conta com a participação de voluntários de forma direta, cuidando da manutenção do lar, ou indireta nas promoções de arrecadação de fundo e alimentos, transporte e prestação de serviços de modo geral, e abre espaço através de convênios com as faculdades da cidade para os alunos desenvolverem seus estágios curriculares principalmente na área de saúde.

A coordenação do Lar que cuida da admissão de funcionários, compra de medicamentos e alimentos, consultas médicas, e todas as decisões são levadas ao conhecimento da diretoria do Grupo Espírita.

A partir de conversas e entrevistas realizadas com a coordenadora do Lar a Dona Simone Mendonça¹⁴, os gastos mensais giram em torno de Vinte e dois mil reais (R\$22.000,00) aproximadamente. Para isso o Lar se mantém através da aposentadoria dos que têm este benefício – cerca de setenta por cento (70%) do valor da aposentadoria - que é repassada pelos familiares como forma de ajuda nas despesas mensais da casa de repouso. No caso dos velhinhos que recebem aposentadoria, mas que não possuem parentes vivos, o Lar é o seu responsável legal, então a aposentadoria é repassada diretamente ao asilo. Quando perguntada se alguma parte deste dinheiro é repassada para estes idosos, a coordenadora do Lar respondeu apenas que depende da autonomia física e mental que o idoso apresenta não fazendo sentido o repasse de uma parte desta aposentadoria nos casos em que o velho se encontra acamado e totalmente dependente

¹² Na única documentação fornecida pelo Lar para o trabalho, o Estatuto Social, podemos observar como se constitui o administrativamente o “Grupo Espírita André Luiz” e o “Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz”.

¹³ Laudi Siqueira Silva. Secretária do Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz. Entrevista concedida em abril de 2.006.

¹⁴ Simone Mendonça. Coordenadora do Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz. Entrevista concedida em Maio de 2.006.

do asilo. Ela também disse que os idosos que não são aposentados e que não têm quem responda legalmente por eles não precisam contribuir com nada.

Além da aposentadoria dos velhos o asilo conta como fonte de renda com as doações da comunidade, eventos e promoções tais como: Clube da pizza (realizada sempre no segundo sábado de cada mês pelos associados), almoços e bazares beneficentes, feiras de quitutes, e com o recebimento de subvenção do governo municipal, desde a Lei de Utilidade Pública Municipal nº5217/91 de 05 de abril de 1991, que auxilia no pagamento dos salários dos funcionários, nas despesas do Lar e cestas básicas.

Com relação ao acompanhamento médico dos idosos é todo feito através do SUS (Sistema Único de Saúde) tanto nas Uai's quanto no Hospital de Clínicas da UFU. A Unimed disponibiliza três (3) consultas por semana, mas caso haja necessidade da realização de algum exame os idosos são novamente encaminhados para as Uai's ou para o HC. Dependendo do custo destes exames, se tiver condições, o Lar arca com os custos destes e de medicamentos.

Para que um idoso possa morar e ser aceito no Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz é necessário que ele tenha mais que sessenta (60) anos, seja carente, não possuir família ou parentes com condições de cuidar dele. Há exceções quando, mesmo tendo família, é verificado que o convívio com estes é inviável, a família não quer cuidar do idoso; quando os idosos moram sozinhos e é verificado que as condições em que moram são precárias não conseguem desempenhar atividades mínimas que possam garantir a sua integridade física e de sobrevivência, e também em caso de debilidade física ou mental para pessoas abaixo dos sessenta (60) anos.

Segundo relatos de Simone¹⁵, a aceitação ou não do idoso no Lar depende de uma análise feita pela direção através dos componentes do Grupo Espírita que fazem parte da administração do asilo onde são realizadas entrevistas - seja pelos representantes do lar ou por uma assistente social designada - com os familiares ou vizinhos e amigos mais próximos, com o idoso e a partir daí é avaliado se é possível ou não a internação. Realiza-se um trabalho de aproximação com a família na tentativa de fazer com que o idoso permaneça com seus familiares, mas na grande maioria das vezes é em vão. Quando o Lar é procurado é porque a decisão já foi tomada e a chance de ser repensada é pequena. Infelizmente tanto o Lar quanto o poder público carece de um

¹⁵ Simone Mendonça. Coordenadora do Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz. Entrevista concedida em Maio de 2.006.

estudo estatístico a este respeito sendo assim baseado apenas nos relatos tanto da coordenação do asilo quanto pela diretora da Diretoria de Proteção Social ao Idoso e Pessoa com Deficiência.

O que pude observar após conversa com Selma Carrijo¹⁶ é que o papel da assistente social é justamente fazer este papel, de analisar as condições em que vive o idoso, se encontram abandonados e não possuem condições nem autonomia para se manterem nas mínimas condições de sobrevivência, se tem parentes vivos que possam cuidar deles e tentar uma aproximação. As assistentes sociais são encaminhadas ou através de denúncias ou quando designadas pela Promotoria e somente elas podem dar um parecer favorável ou não ao asilamento.

Através das informações dadas pela Simone e pela Selma fica visível a discordância neste processo de aceitação do idoso no Lar. A coordenadora do asilo confirma que a análise é feita pela direção do Lar e por assistentes sociais, em contrapartida, Selma afirma que todo e qualquer processo de internação só pode ser feito depois do parecer de uma assistente social designada para esta função e não juntamente com a direção do asilo, muito menos apenas por ela. Fica registrado então, com base nos depoimentos, que pode estar havendo certo equívoco sobre quem são os verdadeiros responsáveis no processo de encaminhamento dos velhos no Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz.

Quando aceitos no asilo, os idosos são sujeitos a respeitarem algumas regras do local para manter a ordem e o bom convívio entre os internos. Segundo a coordenadora Simone a principal regra é o respeito ao próximo, aprender a conviver em harmonia com os demais moradores e funcionários, não xingar, não fumar, não beber, receber as visitas nos horários estipulados, aceitar os medicamentos prescritos pelos médicos, respeitar os horários de almoço e lanche, não fazerem pedidos aos visitantes que tragam alimentos ou presentes a eles sem o conhecimento prévio da direção, etc. Percebe-se que os internos são enquadrados às normas de funcionamento do asilo. Esse tipo de enquadramento não é observado somente no Lar Espírita em questão como é também observado por Pereira em seu trabalho sobre o Asilo São Vicente de Paulo em Paracatu:

“(...) os internos são enquadrados no esquema nacional de funcionamento. O que define os horários dos principais momentos que envolvem os idosos é o esquema do trabalho dos funcionários. Os idosos, que já não vivem mais em função do seu horário de trabalho, são enquadrados nos esquemas dos que produzem. Assim, podemos afirmar mais uma vez que a disciplinarização dos

¹⁶ Selma Carrijo. Diretora da Diretoria de Proteção Social ao Idoso e Pessoa com Deficiência. Entrevista concedida em Fevereiro de 2.007.

*idosos no Asilo está expressa não só no seu estatuto, mas também no esquema que orienta seu cotidiano”.*¹⁷

O dia a dia dos idosos no lar é bastante comum exceto quando há algumas atividades desempenhadas por voluntários e estagiários. Eles acordam, tomam café da manhã, alguns tomam banho e vão para o pátio para que tomem o sol da manhã enquanto os funcionários fazem a limpeza dos quartos, banheiros, refeitório e dão início ao preparo do almoço. Enquanto isso, alguns fazem tratamento fisioterápico, tomam os medicamentos e recebem visitas (o horário de visita é das 09:00 às 11:00 e das 13:00 às 17:00 horas todos os dias).

O horário de almoço é às 11 horas, após o almoço alguns vão para os quartos descansarem e outros retornam para o pátio onde ficam até o horário do café da tarde e da janta que é por volta das 18 horas. Os horários dos banhos são de acordo com a necessidade dos idosos; os mais lúcidos e com maior independência física são liberados para se higienizarem quantas vezes quiserem no dia. Já os dependentes físicos e mentais que necessitam da ajuda dos funcionários tomam banho em horários diversificados dependendo da disponibilidade de funcionários.



Foto 2 – Refeitório do asilo. Foto tirada em Março de 2.006.

¹⁷ PEREIRA, Cilésia Aparecida. A institucionalização da velhice e o cotidiano de internos do asilo São Vicente de Paulo em Paracatu – Uberlândia, 2004. p.101.



Foto 3 – Foto tirada no pátio onde os idosos passam a maior parte do dia no Lar. Foto tirada em Março de 2.006.



Foto 4 – Em destaque o Senhor Cosme no pátio do Lar logo após o almoço. Foto tirada em Março de 2.006.

As atividades de lazer, de distração e sociabilização dos idosos dependem diretamente do que os estagiários e voluntários elaboram para eles. Estudantes de educação física, enfermagem, psicologia, entre outros, os voluntários e visitantes organizam bingos, gincanas, atividades musicais, desenhos, bordados onde levam o material a ser utilizado e ensinam, estimulam e exercitam os idosos a realizarem estas atividades. Vera Lúcia Deps aponta exatamente a importância do papel dos voluntários e estagiários na sociabilização destes idosos:

*“O trabalho voluntário realizado nas instituições, tem um benefício terapêutico intrínseco. As pessoas envolvidas parecem desejar prestar ajuda e oferecer aos idosos as melhores condições, de acordo com suas possibilidades. Isso propicia, entre cuidadores e idosos, um relacionamento positivo e facilitador ao bem-estar psicológico dos internos”.*¹⁸

As únicas atividades recreativas que o Lar organiza são as festas de Aniversariantes do mês onde fazem bolo, salgados, tem música ao vivo, o Dia das Mães e dos Pais - que ocorrem não necessariamente no dia, mas no mês – festas Juninas, Natal e Ano Novo e sempre contando com a ajuda dos colaboradores e visitantes reforçando a importância do papel desempenhado por estes para a realização de tarefas nas quais o Lar vê dificuldades em desempenhar sozinho.



Foto 5 – Desenhos feitos pelos idosos. Trabalho realizado com os estagiários do curso de Psicologia (UNITRI). Foto tirada em Março de 2.006.

A foto acima é um trabalho idealizado pelos alunos do curso de Psicologia da UNITRI – Centro Universitário do Triângulo, para o estímulo psicomotor dos idosos.

¹⁸ DEPS, Vera Lúcia. Atividade e bem-estar psicológico na maturidade. In: LIBERALESSO, Anita N. *Qualidade de vida e idade madura*. Org. Campinas, SP: Papirus, 1.993 – (Coleção viva idade)

Sem esse tipo de trabalho voluntário não é possível realizar nenhum tipo de trabalho voltado para o bem estar do interno.

Segundo a coordenação do Lar, a Prefeitura está com uma proposta de retomada do Projeto Reeducação Global onde o idoso institucionalizado é levado uma vez por semana por uma equipe multidisciplinar - contando com professores de educação física, psicólogos, assistentes sociais – para o CEAI, para o Shopping Center, Parque do Sabiá e elaboram atividades de lazer o dia todo, mas depende da sanção do prefeito e da aquisição de um ônibus adaptado para cadeirantes. Poderão participar deste projeto todos os lares de idosos.

De acordo com as informações dadas pela Selma Carrijo¹⁹, a Prefeitura possui apenas o Projeto de Reeducação Global para atender aos idosos institucionalizados. Existem vários programas desenvolvidos pela Prefeitura de Uberlândia voltado ao idoso não institucionalizado como é o caso das atividades desenvolvidas nos CEAI's (Centro Educacional de Assistência Integrada) e seus subprogramas como o Projeto Conviver. (ANEXO 2)

O Projeto de Reeducação Global existe desde 1.998, foi desativado em 2.005 e retomado em 2.006 depois de constantes reclamações feitas pelas instituições asilares a Curadoria do Idoso e Deficiente (órgão do Ministério Público que trata dos assuntos pertinentes ao idoso) e a Diretoria de proteção ao Idoso e Pessoas com Deficiência. É um projeto que só foi possível de ser implementado devido à existência de um espaço para atender o idoso, os CEAI's.

Buscando mais informações sobre este projeto fui orientado a procurar a coordenadora do CEAI II - Laranjeiras onde é realizado o Projeto. Segundo Elisângela Ferreira Cabral²⁰ que é coordenadora desde 2.005, o Projeto Reeducação Global visa atender os idosos institucionalizados oferecendo a eles uma equipe de profissionais – formada por um professor de trabalhos manuais, psicólogo, fisioterapeuta, educador físico e um assistente social - que busquem tanto a reabilitação física, psicomotora e de sociabilização entre eles através das atividades desenvolvidas. O projeto é realizado uma vez por semana das 13:30 às 16:00 e tem a capacidade de atender 40 idosos de qualquer instituição asilar sendo que estes devem ser escolhidos por elas e encaminhados todas as semanas.

¹⁹ Selma Carrijo. Diretora da Diretoria de Proteção Social ao Idoso e Pessoa com Deficiência. Entrevista concedida em Fevereiro de 2.007.

²⁰ Elisângela Ferreira Cabral. Coordenadora do CEAI II – Laranjeiras. Entrevista concedida em Fevereiro de 2.007.

Um dos problemas relatados pela coordenadora do CEAI II foi exatamente a forma equivocada que os representantes das instituições encaram o projeto. Eles o encaram como se fosse apenas uma oportunidade dos velhinhos poderem passear e saírem da rotina em que vivem dentro dos asilos e conhecerem novas pessoas, e não como o Projeto foi proposto, como um programa de ação conjunta entre ele e os Lares e de forma continuada onde o trabalho de reabilitação física e psicomotora fosse orientado e monitorado nos CEAI's, mas que tivesse uma continuidade dentro dos próprios asilos, o que segundo relata Elisângela²¹ não ocorre. Outro problema apontado é que nunca são os mesmos idosos que vão participar do projeto; os asilos mandam sempre idosos diferentes a cada semana o que não contribui para a continuidade do trabalho.

Outro fator que contribui para que o Projeto de Reeducação Global tenha grandes problemas na sua execução é o fato das entidades asilares não arcarem com o transporte destes idosos. Quem pode fazer o transporte destes idosos são apenas as pessoas responsáveis juridicamente por elas, no caso os asilos, mas eles querem que a Prefeitura custeie o transporte alegando dificuldades financeiras. Em contrapartida o governo municipal recusa a disponibilizar o transporte, pois já tem um gasto excessivo para disponibilizar os profissionais para o Projeto.

O que pude verificar através dos relatos tanto da coordenadora do Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz e as coordenadoras do CEAI II e da diretora da Divisão do Idoso é que, mesmo sendo o único projeto voltado exclusivamente para os idosos institucionalizados existem grandes problemas entre proposta e execução do Projeto.

No mais, os idosos do Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz contam apenas com uma televisão e um rádio para sua distração e a visita de algumas pessoas e, algumas vezes, seus parentes. Como se pode notar a integração destes idosos com o restante da sociedade é inteiramente dependente da ação de elementos externos para trazerem a eles um pouco um pouco do necessário, um pouco de alegria, de atividades que possam estimular seu raciocínio e suas funções motoras. O Lar fica restrito ao acolhimento e aos cuidados básicos de higiene e da saúde dos internos, "terceirizando" o que deveria ter atenção igual ou maior nesta etapa que estes idosos se encontram, a integração destes na sociedade, a elaboração de atividades que possam lhes devolver a sensação de produtivos novamente, de inclusão e não apenas de espectadores do fim de suas vidas.

²¹ Elisângela Ferreira Cabral. Coordenadora do CEAI II – Laranjeiras. Entrevista concedida em Fevereiro de 2.007.



Foto 6 - Foto lateral do asilo dando uma visão de toda área. Foto tirada em Março de 2.006.



Foto 7 – Enfermaria do Lar de amparo. Foto tirada em Março de 2.006.

Capítulo II – Cotidiano e experiências dos idosos no Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz

A partir deste capítulo teremos contato com os sujeitos que motivaram este trabalho, os velhos que residem no Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz. Antes julgamos necessário apresentarmos um pouco da metodologia utilizada na busca dos resultados propostos que vão desde a escolha dos velhos para as entrevistas até o arcabouço metodológico utilizado na análise dos documentos, a fim de caminharmos juntos nas memórias destes idosos.

Como já foi dito no início deste trabalho, um dos motivos da escolha do Lar foi por eu já manter um contato direto tanto com a instituição quanto com os internos o que facilitaria muito na coleta das informações necessária para desenvolver a monografia. Não foi feita uma busca para se chegar a esta instituição, quando resolvi utilizar este tema como trabalho de conclusão de curso eu já visitava o Lar e já havia realizados alguns trabalhos utilizando o tema ainda que de forma simplificada.

Sendo o objetivo deste trabalho fazer uma reflexão acerca da memória e experiência destes velhos que residem no asilo e sua relação com seu passado e seu presente e suas subjetividades, suas relações tanto com os outros internos, quanto com os funcionários, visitantes, familiares e com a sociedade, expectativas, carências, suas necessidades, sua relação com o trabalho; utilizamos como fonte de pesquisa principal os depoimentos de alguns destes idosos e algumas observações diretas feitas durante o desenvolvimento do trabalho, não com o objetivo de contestar as fontes, mas de somar às informações já obtidas.

Foram realizadas quatro entrevistas com os internos do Lar sendo três mulheres e um homem. O objetivo de se utilizar apenas quatro dos quarenta e dois velhos que residem no asilo deu-se por motivos de saúde de alguns dos internos, por se encontrarem debilitados tanto fisicamente quanto mentalmente, a recusa de outros em participar do trabalho por não quererem conversar sobre suas vidas com uma pessoa “estranha” a elas, não quererem tocar em assuntos que as magoam ou simplesmente não quererem ser entrevistados. Assim tivemos que buscar, dentro das opções possíveis,

pessoas que tivéssemos mais proximidade e liberdade – por minha parte e por parte deles - que apresentassem origens regionais culturais e sociais mais diversificadas para que tivéssemos um resultado, aparentemente, ainda mais diversificado para não correremos o risco de “padronizarmos” o estudo – que as observações apresentadas fossem representativas apenas aos sujeitos com uma origem sócio cultural e regional equivalentes. Uma das questões de muita relevância neste trabalho é exatamente quebrar esta idéia demonstrando que, mesmo dentro de um grupo fechado, como numa casa de repouso, há diferenças entre os indivíduos que podem ser enormes, mas que há pelo menos algo em comum, o fato de que por algum motivo eles moram agora no mesmo local.

Ao utilizarmos as entrevistas como documento histórico temos a chance de entrarmos em contato com as memórias dos idosos, destes sujeitos históricos que nos dão a oportunidade – tanto para o entrevistador quanto para o leitor – de compartilharmos suas histórias. Isso torna o trabalho do historiador oral de grande importância. Como Portelli diz:

“O verdadeiro serviço que, acredito eu, prestamos a elas, a movimentos e a indivíduos consiste em fazer com que sua voz seja ouvida, em levá-la para fora, em pôr fim à sua sensação de isolamento e impotência, em conseguir que seu discurso chegue a outras pessoas e comunidades.”²²

Trabalhar com a memória dos sujeitos que se encontram a margem da sociedade, excluídos a partir do momento em que são vistos, e se vêem, como improdutivos, incapazes de desempenharem atividades que os tornem úteis; é enfrentarmos questões que ainda se encontram sem respostas, como o abandono de seus familiares e o isolamento, são angústias que vão se apresentando cada vez mais nítidas com o crescimento da relação de confiança entre o entrevistador e o entrevistado.

“Cada entrevista é importante por ser diferente de todas outras”, pois “cada pessoa é um amálgama de grande número de histórias em potencial, de possibilidades imaginadas e não escolhidas, de perigos iminentes, contornados e por pouco evitados. Como historiadores orais, nossa arte de ouvir baseia-se na consciência de que praticamente todas as pessoas com quem conversamos enriquecem nossa experiência”²³.

Durante as entrevistas com os internos do Lar percebi que o ato de entrevistar muitas vezes pode coibir o idoso a conversar mais abertamente. Claro que o simples

²² PORTELLI. Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*. São Paulo, nº. 15, p.31.

²³ PORTELLI. op. cit. p.17.

fato da conversa ser gravada e ter uma finalidade específica faz com que o depoente, pelo menos inicialmente, fique um tanto acanhado. Cabe ao historiador dar a possibilidade para que o idoso crie cada vez mais confiança e se sinta a vontade para compartilhar suas reminiscências. Alessandro Portelli comenta formidavelmente a importância de, durante as entrevistas, termos sempre o cuidado para que esta relação entre entrevistador e entrevistado não iniba a fala do sujeito, pois pode atrapalhar a entrevista:

*“Podemos ter o status, mas são eles que têm as informações e, gentilmente, compartilham-nas conosco. Manter em mente esse fator significa lembrar que estamos falando, não com “fontes”, mas com pessoas”.*²⁴

Acredito que o sentido de *colcha de retalhos*²⁵ apresentado por Portelli, de certa forma, pode ser observado sob a ótica de que cada idoso residente num asilo representaria um pedaço da colcha, uma vez que, todos, de alguma maneira, contribuem para que este tipo de instituição social se assemelhe a uma colcha formada por diferentes pedaços que, a partir de suas singularidades conseguem, em alguns aspectos, formar uma peça coerente. Aspectos estes, quando nos referimos à imagem representada do asilo na vida dos internos; como um local que, por mais acolhedor que seja não substitui suas próprias casas, sua família, não os fazem sentir úteis, pelo contrário, reforçam o sentimento de excluídos, de esquecidos.

Através da história oral é possível analisar a memória de alguns dos internos do Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz e observarmos que ela é seletiva a cada indivíduo:

*“A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato de a História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, à memória. Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças”*²⁶.

Respeitar a subjetividade existente em cada relato faz com que se mantenha o significado dado pelo entrevistado acerca de sua reminiscência, e não respeitá-la é distorcer os fatos que nos foram apresentados. Como aponta Potelli:

²⁴ PORTELLI. Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*. São Paulo, n.º. 15, p. 16

²⁵ Para Portelli a história tende a representar a realidade não de uma forma uniforme, mas como um mosaico, uma “colcha de retalhos” onde os pedaços são de tamanhos diferentes que quando unidos formam um todo coerente.

²⁶ PORTELLI. op. cit. 1996. p.25

“As fontes são pessoas, não documentos, e que nenhuma pessoa, que decida escrever sua própria autobiografia, que concorde em responder a uma entrevista, aceita reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos (...)”²⁷.

As memórias dos internos do Lar trazem consigo experiências sociais vividas dentro e fora dele. Estão relacionadas com o que faziam e o que vivem atualmente. Partindo deste princípio, podemos observar os relatos dos velhos do asilo não somente como um ato de relembrar o passado, mas também de enxergá-lo à luz do seu presente.

2.1 – O asilo sob a perspectiva do idoso

Nas entrevistas com os quatro moradores do Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz que fazem parte deste trabalho, procurei a partir dos diálogos observar e colher o máximo de informações que seriam de grande importância para o desenvolvimento da monografia.

Não procuro, a partir destes relatos, considerá-los como representantes de um possível “padrão” de formas de pensamento como se todos os internos do Lar pensassem de maneira idêntica, muito menos como sendo o pensamento de todos os moradores de todos os asilos de Uberlândia. Este estudo trata das memórias e experiências relatadas por uma pequena amostra de pessoas podendo, ou não, sofrer a influência do meio em que vivem atualmente. Trata-se do resgate das memórias destes idosos buscando com que eles se reconheçam enquanto sujeitos históricos onde suas ações do passado podem contribuir para somar ou até mesmo repensar o que nos é dado através da história oficial.

As entrevistas foram realizadas no início de 2005, entre os meses de março, abril e maio com quatro velhos: o Senhor José Ferreira de Lima (Seu Zé), que tinha na época 67 anos; com a Dona Rosa de Jesus (64 anos); Dona Ruth Gomes Silva (78 anos) e com a Dona Dinah Carvalho de 85 anos²⁸.

Nestas conversas, os internos falaram sobre suas vidas antes de vir morar no asilo, suas famílias e a relação com elas, amigos, infância, saudades, trabalho, as atividades que desempenharam ao longo da vida, amores, sonhos, expectativas de vida,

²⁷ PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Revista Fundamentos*. 1996. p. 60.

²⁸ As idades dos idosos mencionadas são durante o período que foi realizado as entrevistas

o que pretendem realizar. Também conversaram sobre como foram morar no Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz, quem os levou até lá; a relação com os demais internos, com os funcionários e com a instituição; seu cotidiano, suas vivências dentro do Lar e como se vêem dentro deste lugar e sua relação com o mundo além das paredes do asilo.

As origens destes idosos são bem diferentes, o Seu Zé é de São José do Mipibu – RN e se mudou para Uberlândia acerca de cinquenta anos para trabalhar. Dona Rosa é de Patrocínio e Dona Dinah é da cidade do Prata onde residiu “*até ficar moça*” quando veio para Uberlândia. Já Dona Ruth é natural do Rio de Janeiro – RJ e é a que mora na cidade há menos tempo logo após o falecimento de seu marido e o casamento de seu filho que aqui morava. São pessoas de origens e formações distintas, com trajetórias ímpares que, por motivos diferentes vieram se encontrar na mesma cidade e morando no mesmo local tendo uma relação de convívio físico tão próximo, mas por hora tão distante.

2.1.1 – De onde vieram e o que encontraram

Com relação ao(s) motivo(s) que levam os idosos a irem morar no Lar, foi possível observar através das informações dadas pelos funcionários do asilo que, podem ter origens diversas. Os principais motivos que levam a esse internamento no Lar de Amparo são: problemas de saúde, deficiência física, debilidade, para receberem assistência médica, por apresentarem incapacidade de desempenhar atividades que garantam minimamente sua sobrevivência com autonomia e segurança. Por escolha própria, quando sentem que não possuem mais condições de se manterem sem o auxílio da família ou de terceiros uma vez que, criando nestes velhos um sentimento de como se fosse um “estorvo” para o restante da família; por motivos financeiros, quando estes idosos não têm mais condições de trabalho seja pela saúde já deteriorada ou por dificuldade de conquistar um lugar no mercado de trabalho e a família não tem condições de mantê-lo – podemos dizer que estas duas últimas razões podem estar relacionadas – além de quando há um péssimo relacionamento com a família. Mas um dos possíveis motivos é quando o idoso já perdeu todos seus parentes próximos, amigos,

não possuem descendentes ou ninguém que possa assumir a tutela dele, e o motivo mais comum, o abandono.

Estes motivos também foram apontados pela Selma Carrijo²⁹, mas ela salienta que estes motivos são apontados como os principais a partir de informações coletadas pelas assistentes sociais da Prefeitura Municipal de Uberlândia durante o desempenho de suas funções. Não há nenhum dado estatístico que dê sustentação para estas afirmações, mas encontra-se em obras relacionadas ao assunto estes mesmos motivos como podemos ver na obra de Pereira:

*“O motivo para que essas pessoas estejam internadas no Asilo e sejam consideradas velhas, se deve ao fato de possuírem algum tipo de doença ou deficiência física, auditiva, visual ou mental, que as impossibilita de trabalharem e de proverem sua sobrevivência (...).
(...) Mas também encontramos pessoas que foram ali deixadas apenas porque a família não tinha como mantê-las em casa, já que são elevados os gastos com uma pessoa idosa ou doente. Dentre os motivos mais freqüentes apresentado para as internações destacam-se a doença e a necessidade de cuidados especiais. Também a falta de parentes que pudessem cuidar dos idosos e a situação de abandono em que se encontrava, figuram entre os motivos”³⁰.*

O que se encontra no Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz são casos de internamento por vários destes motivos relacionados. Com base nas fichas dos idosos fornecidos pelo Lar e nas declarações de funcionários, podemos perceber que as maiorias das internações são decorrentes de problemas de saúde, econômicos, de relacionamento com seus familiares e abandono. São poucos os casos em que o idoso buscou estas instituições espontaneamente. O interessante é que uma das características destes idosos é sua baixa condição financeira.

O asilamento destes velhos pobres é uma prática legitimada pela sociedade. A internação é vista pela sociedade como a atitude mais correta a ser tomada por ser a que nos exime de responsabilidade sobre o futuro destas pessoas. Ao passar a tutela destes velhos para a instituição nós transferimos a ela toda a responsabilidade sobre o que ocorrerá com eles.

O asilo é o fruto de uma sociedade que objetiva excluir todo e qualquer problema que possa oferecer risco ao seu bem estar social. Ele só existe porque sua ação é legitimada pela sociedade. Cobra-se uma atitude a esse respeito, alguém tem que assumir a responsabilidade de cuidar destes velhinhos, um papel que deveria ser

²⁹ Selma Carrijo. Diretora da Diretoria de Proteção Social ao Idoso e Pessoa com Deficiência. Entrevista concedida em Fevereiro de 2.007.

³⁰ PEREIRA, Cilésia Aparecida. A institucionalização da velhice e o cotidiano de internos do asilo São Vicente de Paulo em Paracatu – Uberlândia, 2004. p. 115-118.

desempenhado por nós, mas preferimos transferir esta responsabilidade. Em Uberlândia existe apenas o Projeto Reeducação Global, como foi mostrado no primeiro capítulo. Existem alguns programas voltados para os idosos não institucionalizados como o Projeto Conviver, os CEAI's, mas não há uma política efetiva para os idosos que se encontram nos lares de amparo na cidade.

Seu Zé se mudou para o asilo devido a problemas de saúde, logo após ter tido um AVC – acidente vascular cerebral (derrame) há sete anos. Neste período Seu Zé se encontrava no Mato Grosso a trabalho e logo depois que sofreu o derrame e que recebera alta do hospital ele foi encaminhado a um asilo da região. Contrariado com a situação ele pediu para que fosse mandado de volta para Uberlândia para ficar com a família. Então foi removido para a casa de sua ex-esposa onde por problemas de relacionamento viu que seria insustentável permanecer lá então pediu para ser direcionado a uma casa de repouso. Ele se mudou para o Lar para que tivesse uma melhor assistência médica e para que não tivesse mais problemas com a ex-esposa e seus filhos.

Dona Rosa já morava em outra instituição antes mesmo de se mudar para o asilo. Ela se mudou devido a problemas financeiros que a instituição que ela morava passava, pois já não conseguia manter uma estrutura que pudesse atender ao número de internos que assistiam, então foi encaminhada pela própria direção até o lar. Foi encaminhado ao Núcleo Espírita Paulo Estevão por uma amiga, pois morava sozinha e necessitava de ajuda para se cuidar. Como Dona Rosa tinha uma baixa condição financeira, viúva, e os problemas de saúde começaram a se intensificar, a amiga temendo que ela passasse por necessidades a aconselhou a se mudar para uma casa de repouso que não relutou.

Já Dona Dinah, segundo os dados de sua ficha de entrada no asilo, foi encaminhada pela irmã que não tinha condições de cuidar dela por já assistir a um outro idoso com 97 anos e não poder dar a atenção necessária a ela que apresenta quadro de saúde delicado – tem osteoporose nos membros inferiores e na coluna o que impossibilita sua locomoção – e que tem depressão. Chegou ao Lar sem saber que estava indo para ele, quando percebeu já estava lá.

Dona Ruth se mudou para o asilo encaminhada pelo filho. Como Dona Dinah só ficou sabendo que estava se mudando para lá quando chegou ao local. Segundo ela seu filho se justifica por não poder dá-lhe os cuidados e a atenção necessária já que ela tem problema de coração e acredita que no lar ela será mais bem assistida. Dona Ruth não acredita que seja este o verdadeiro motivo, mas não menciona qual poderia ser.

Observa-se que a relação existente entre os idosos e o asilo, em geral é boa, mas sofre resistência devido à visão que estes internos têm acerca deste tipo de instituição. O asilo representa para eles um lugar completamente antagônico ao que imaginavam estar quando chegassem nessa idade. Seu Zé faz uma observação sobre a vida e demonstra que a sua tomou uma direção que ele não esperava ter tomado:

“(...) Se eu não tivesse ficado doente, estaria trabalhando até quando eu morresse (...). A vida é muito estranha né. Só tem doença, briga, morte, esses bandido ficam matando todo mundo. Tamo pagando os pecado né. Trabalhei a vida toda e vou terminar assim, numa cadeira de rodas sem andar, com as perna inchada, sem mexer aqui tudo e dependendo dos outros. Eu queria andar, trabalhar, sair daqui. Nunca pensei que um dia eu ia vir para um lugar desses. Eu não passaria nem na porta de um lugar como esse”³¹.

Por mais que as condições de vida, os cuidados e a atenção dada a eles sejam boas, o asilo não é e nunca será sua casa, eles nunca imaginaram um dia que iriam passar o resto de suas vidas num local como este. Dona Dinah expressa em uma curta frase o sentimento dela a respeito disso; perguntando-me se moro em casa própria ela diz: “Coisa boa né! Quem tem casa tem tudo”. Isso reflete a importância que a casa tem em sua vida, remete também ao seu passado quando morou em vários lugares, apartamentos, pensões, hotéis sempre custeados pelos pais e depois da morte deles passa a ser a irmã a tomar conta. Enquanto morou sozinha nunca teve uma residência própria, mesmo que alugada, pois dependia de sua irmã.

“(...) morei num apartamento 2 anos. Ia rodando aí nessas pensões, hotel. Tinha lugar que morei 7 anos. Assim passei; depois minha irmã arranhou apartamento para mim, 40 degraus pra subir”³².

Ao encontro disso é possível observar esta oposição nas relações entre internos e o que representa a instituição para eles. A visão que eles têm em relação às casas de repouso é baseada na própria experiência e que, mesmo vivendo dentro dela e convivendo com uma realidade diferente da que se imaginava este conflito por hora aparece durante as conversas. Ainda Dona Dinah: “Já acostumei menino, faz 7 anos já né (...) acho bom aqui, já acostumei”. O fato de se acostumar com o lugar, nesse caso soam mais como uma resistência do que como acomodação. Seu Zé vai além ao dizer que viver no lar “é bom, eles cuidam bem da gente, mas você sabe como é que é né. Viver num lugar assim não é fácil”.

³¹ Seu Zé (José Ferreira de Lima) – entrevista concedida em Abril de 2.005.

³² Dona Dinah Carvalho – entrevista concedida em Maio de 2.005.

Viver num asilo significa não ter a liberdade que teriam em seus lares, não estão juntos de suas famílias, amigos. Eles se vêem como hóspedes, obrigados a conviver com uma rotina que não é a sua, mesmo com a liberdade que lhes é dada, ela é uma liberdade vigiada. A partir do momento que passam a viver no asilo eles devem seguir e respeitar o regulamento regido pelo ele.

Devem respeitar os horários das refeições, banhos, visitas, dos remédios, respeitarem os funcionários da casa assim como todos os demais idosos para que se possa manter a ordem e a organização do local facilitando o trabalho dos funcionários em benefício de todos. A relação entre o velho e a instituição é conflitante, trata-se de indivíduos, portanto singulares, que demandam atenção especial e, quando moram num lugar onde o tratamento é o mesmo para todos - com exceção em apenas alguns casos e em algumas ocasiões específicas onde o idoso tem melhores condições físicas e mentais que os permite executarem atividades que não necessitam do auxílio de qualquer funcionário – sentem-se como se fossem apenas mais um, seus problemas não são vistos com o mesmo olhar e importância quando ele morava em outro lugar. Sua condição é diminuída a uma parte do algo maior, a instituição.

Parece ser um consenso que a relação entre os velhos e os funcionários é boa. Aparentemente não há queixas em relação a isso, muitos dos internos mantêm relações de amizade apenas com funcionários. Dona Dinah³³ é uma delas, dizem que seu relacionamento com os funcionários é bom, “eles tratam direitinho” e que só conversa com os enfermeiros. Dona Ruth³⁴ relata: “Sim, todos eles, são todos meus amigos, mas tem uns internos aqui que tá pra baixo pra mim”. Para os velhos, tanto os funcionários quanto os diretores e enfermeiros passam a assumir o papel de filhos, de pais, por passarem a eles segurança, por se tornarem sua referência e ligação com o mundo externo. Cunha, ao trabalhar com o Asilo São Vicente e Santo Antônio em Uberlândia observa esta mesma situação:

*“A relação que o interno cria com a casa, a administração, com os empregados em geral, é uma relação afetuosa. A equipe que trabalha na casa costuma tratá-los com carinho e paciência e os idosos transferem para eles a figura de um filho ou uma filha, um pai ou uma mãe, mesmo que a idade do funcionário seja bem inferior a dele, um parente muito próximo”.*³⁵

³³ Dona Dinah Carvalho – entrevista concedida em Maio de 2.005.

³⁴ Dona Ruth Gomes Silva – entrevista concedida em março de 2.005.

³⁵ CUNHA. Marizete A. Asilo São Vicente e Santo Antônio – Memória e História. Tese. Uberlândia. 1999.

Quando observamos as relações existentes entre os internos vimos que elas podem se dar de maneiras diferentes. Alguns conseguem ter uma relação boa com os demais internos, já outros preferem manter certa distância deles, são mais reservados. Talvez por dificuldade de se relacionar-se com os demais, por opção, por preferirem ficar sozinhos para pensarem em seu passado, alimenta a saudade dos familiares, nos momentos marcantes de suas vidas, como o caso de Dona Dinah³⁶: “Não, não tenho muita não (amigos no asilo), gosto de ficar mais é quieta, hoje as pessoas são muito falsas”. Pode ser apenas um reflexo de sua tristeza perante os rumos que tomou sua vida, a falta que um lar faz a falta de um ente querido, de se sentir útil capaz de realizar tarefas que até pouco tempo conseguia com certa destreza, falta de trabalho.

Já a maioria consegue manter um convívio bom com os demais embora sejam comuns algumas brigas, que quando ocorrem faz com que se sintam facilmente magoados. Seu Zé³⁷ comenta que tem boas pessoas embora não deixe claro o seu grau de aproximação com os internos “(...) tem muita gente boa aqui, mas também tem uns que ou vou te falar viu. Tem muita gente implicante, dona da verdade aqui. O Chiquinho, o Pedro são muito bonzinho, a Rosa, Ritinha, o Vitor, mas aqui é triste”. Já Dona Rosa demonstra em sua fala que é difícil ter relações de amizade sem nenhum atrito num lugar com tantas pessoas diferentes:

*“Uai, às vezes são eles que têm amizade comigo. As pessoas às vezes tem o costume de implicar, mas eu não tenho briga assim com ninguém não né. Às vezes, por exemplo, o Jeová, aquele que fica lá na televisão. Ele não gosta muito das pessoas; diz que se elas não estivessem aqui ia ter paz pra todo lado. Agora quando está tudo tranquilo aqui, ele não importa não, mas quando o povo tá aqui (no pátio) com o rádio ligado ele vai lá e pá (desliga o rádio). Ele não gosta não de barulho alto. Ele gosta muito é de jogo, aí ele fica lá na televisão quietinho, às vezes até meia noite vendo jogo. Aí quando ligam o rádio ele falava assim: Num vai tocá nada não. Ficava bravo (...)”*³⁸.

É difícil que não haja em algum momento problemas de relacionamento entre velhos. Muitos para conseguir impor a sua vontade, para manterem sua individualidade, agirem de acordo com seus princípios ou fazerem sua vontade acabam desagradando o outro. Quando perguntado a Dona Ruth³⁹ se ela mantinha um bom relacionamento com os demais ela respondeu: “Ah, da minha parte eu acho, deles é que eu não sei. Aqui tem muita pessoa ranzinza, encenqueira, xingam muito. Eu sou muito correta, não gosto de

³⁶ Dona Dinah Carvalho – entrevista concedida em Maio de 2.005.

³⁷ Seu Zé (José Ferreira de Lima) – entrevista concedida em Abril de 2.005.

³⁸ Dona Rosa de Jesus – entrevista concedida em Março de 2.005.

³⁹ Dona Ruth Gomes Silva – entrevista concedida em março de 2.005.

gente ignorante”. Em algum momento, para que eles se sintam respeitados, eles acabam discutindo, mesmo que muitas vezes por motivos fúteis.

Em alguns casos nota-se que mesmo morando no mesmo lugar há anos é comum que entre os idosos se encontre pessoas que nunca trocaram uma palavra com as outras durante todo o tempo que se encontram internada, pessoas que tem o costume de ficar sempre no mesmo local, próximas umas das outras há anos e convivem como se nunca tivessem se visto em toda sua vida não dirigindo a eles uma única palavra. É o que podemos chamar de convívio físico.

Algo que aparentemente os incomodam é o fato de estarem convivendo com várias pessoas doentes, com estado de saúde bastante debilitado vivendo apenas em suas camas e que, às vezes passam a noite inteira gritando de dor, chorando. Além do incômodo causado eles se sentem suscetíveis a esta mesma situação a qualquer momento em suas vidas, então nesses momentos elas se dão conta do lugar em que vivem; um lugar que busca dar toda a assistência possível ao idoso que necessita de ajuda, então se sentem um pouco receosas com seu futuro, mas ao mesmo tempo amparadas e seguras.

2.2 – Relação com o trabalho e família – cotidiano e expectativas

Para muitos idosos o trabalho está ligado à sua própria vida, sua experiência plena. Muitos encaram o trabalho como uma maneira de afirmação da sua existência, de sua importância enquanto sujeito capaz de interferir de alguma maneira nos rumos de seu grupo ou das pessoas que os cercam.

As relações existentes entre a memória destes velhos e o trabalho podem ser vistas de formas diferentes entre os entrevistados. Alguns encaram com certa dificuldade suas lembranças ressaltando a oposição existente entre a vida ativa e a vida contemplativa. Para alguns esta dificuldade está relacionada à dificuldade de se reconhecer, mesmo que inconscientemente, enquanto sujeito descartado pela sociedade de consumo capitalista. O ato de lembrar para eles é uma forma de se constatar uma realidade dura e que vai contra a todo seu passado de trabalho incessante durante toda

sua vida. Segundo Ecléa Bosi⁴⁰ a degradação senil começa prematuramente com a degradação da pessoa que trabalha.

Através de observação direta durante todo o período de pesquisa, pude ver que o homem parece sentir mais com a falta de uma ocupação que a mulher. Sente dificuldade em lidar com a situação de incapacitado que lhe é atribuído logo que entra num asilo. Essa condição faz com que suas reminiscências façam praticamente durante todo o tempo uma ponte entre seu passado sempre relacionado à atividade produtiva com seu presente onde a falta deste se torna talvez no maior motivo de sua tristeza e inquietação.

Seu Zé deixa claro em seu discurso esta inquietação em relação ao trabalho. Quando não é sobre as atividades que desempenhou e que ainda estaria desempenhando se não tivesse sido acometido pelo problema de saúde que tem, é sobre a luta da sua filha e da ex-esposa em trabalhar de dia e noite, de sol a sol. Relata também que já desempenhou várias atividades durante a vida e que já conheceu boa parte do país graças aos trabalhos que desempenhou:

*“(...) Se eu não tivesse ficado doente estaria trabalhando até quando eu morresse. A minha filha e a mulher é assim, trabalham de dia e noite, de sol a sol. (...) Eu queria andar, trabalhar, sair daqui. Já fiz de tudo nessa vida, trabalhei de chapa, na lavoura capinando de sol a sol. Conheço quatorze estados”.*⁴¹

Para as mulheres, esta relação com o trabalho apresenta-se de maneira um pouco diferente. Independentemente de terem trabalhado durante toda sua vida, as atividades que desempenharam estão relacionadas mais a atividades domésticas e a outras ligadas a elas do que a atividades desempenhadas fora do âmbito doméstico. Claro que esta afirmação é nas informações concedidas pela coordenação do Lar. Dona Rosa trabalhou desde criança como doméstica, costureira e nunca desempenhou nenhuma outra atividade sem ser estas. Hoje em dia ela desempenha as mesmas funções que antes só que em escala muito menor dentro do próprio asilo o que faz com ela não se sinta tão afetada pela ausência do trabalho.

Já com Dona Dinah observa-se algo interessante. Ela acredita que se tivesse trabalhado a sua vida poderia ter sido diferente.

“Nunca trabalhei fora, foi um erro. Tinha que ter começado a trabalhar desde novinha em casa. Meus pais não precisavam, mas eu tinha que ter trabalhado,

⁴⁰ BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembrança de velhos. 3 ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

⁴¹ Seu Zé (José Ferreira de Lima) – entrevista concedida em Abril de 2.005.

*foi um erro, muito errado. Tinha que ser empregada né? Que seja para varrer rua".*⁴²

Ela costumava freqüentar uma creche no bairro Joana Dark em Uberlândia e ajudava a cuidar das crianças. Sente muita falta do tempo em que visitava a creche, era um lugar onde se sentia útil mesmo que fosse como voluntária.

O Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz disponibiliza aos idosos algumas atividades recreativas com o objetivo de socialização entre eles e os visitantes. São realizadas atividades em grupo como aulas de tricô, pintura, costura, atividades desempenhadas juntamente com os freqüentadores do Grupo Espírita que administra o Lar, como a confecção de pizzas que ajuda a arrecadar fundos para a manutenção do asilo.

A maioria das atividades que estimulam a socialização dos internos e o contato com o mundo fora dos portões do asilo são organizadas e oferecidas por voluntários e visitantes. O Lar não tem muitas condições materiais para oferecer diversas atividades que seriam importantes para que os idosos tenham seus dias preenchidos de atividades que estimulem suas funções motoras e mentais o que auxiliaria até mesmo no tratamento das doenças de vários deles. Toda atividade proposta por pessoas de fora são estudadas e apoiadas pela direção, mas quando não há nenhuma os idosos passam os seus dias sentados sem nenhuma atividade esperando que alguém venha visitá-los, os que necessitam de acompanhamento médico, de fisioterapia são atendidos e ficam o dia aguardando o horário das refeições, do banho, de dormir.

Os homens se queixam que as mulheres têm mais atividades do que eles para participarem. Para eles suas únicas opções de lazer são a televisão e o rádio além de dançar quando recebem visitas de grupos de pessoas voluntárias que organizam festas em datas especiais, animam aniversários, etc. Fora isso as opções são realmente limitadas para os homens.

Os que apresentam melhores condições de saúde podem sair para dar uma volta nas imediações. Alguns recebem até mesmo autorização para irem até o centro da cidade buscar sua aposentadoria, visitar algum amigo ou parente, mas são raros os casos. A maioria só recebe autorização para sair do asilo mediante a presença de uma pessoa que possa acompanhá-los se responsabilizar por eles no período que estiverem

⁴² Dona Dinah Carvalho – entrevista concedida em Maio de 2.005.

fora do Lar e que sejam pessoas que já visitam a instituição há algum tempo e seja conhecida dos diretores.

O papel desempenhado pela família na memória dos idosos é de fundamental importância para compreendermos várias questões apresentadas por eles acerca de seu passado e seu presente. As histórias ligadas à família são responsáveis por praticamente todas as suas lembranças e, ao serem contadas revitalizam suas relações de carinho e afinidade com cada membro da família uma vez que, estas lembranças estão em constante reconstrução. Lembrar estas questões traz um grande benefício aos idosos, uma vez que os mantém num constante exercício de rememoração dos fatos ocorridos nas suas vidas e os auxiliando no resgate da sua identidade.

A família em muitos casos é quem encaminha os idosos até as casas de repouso. Podemos dizer alguns dos principais motivos que levam um idoso a dar entrada num asilo está relacionado à família. O argumento utilizado é quase sempre de caráter econômico. Alegando não ter condições para dar ao idoso a assistência médica que necessita, elas entram em contato com estas instituições por elas terem uma infraestrutura melhor para atender as necessidades desses velhos. O problema de relacionamento é outro motivo apresentado pelos familiares que, alegando convívio difícil com eles e fatores impossíveis de serem superados transferem os cuidados a estes lares.

Muitos desses familiares dificilmente fazem visitas aos internos, quando a fazem. Por conta desta ausência e pelo silêncio destes familiares, não foi possível fazer nenhum contato com eles. A coordenação do Lar não me forneceu dados para que houvesse uma tentativa de aproximação com as famílias, alegando que não poderiam passar esses dados sem a autorização prévia dessas pessoas. Fico apenas com as informações dadas tanto pela secretária do asilo quanto pela coordenação, o que é uma pena. O relato dos familiares seria de grande valia para o enriquecimento da pesquisa.

Dona Ruth foi encaminhada pelo filho ao Lar após um período em que viveu junto com ele, a esposa e o filho. A relação entre eles é conflituosa cheia de desentendimentos e mágoas dos dois lados. Dona Ruth não se importa em estar morando no asilo ou se está brigada com o filho desde que esteja em contato constante com o neto o que não ocorre. Toda vez que sua relação com o filho se estremece ele a priva do convívio com o neto o que a deixa completamente entristecida.

A maior alegria dela é quando o filho vem buscá-la aos domingos para passar um dia com seu neto. Ela passa a semana toda na expectativa de que no dia de domingo

ela irá vê-lo o que não ocorre com tanta frequência pela vida que o filho leva e que não sobra tempo para ir visitá-la e levar o neto.

Seu Zé possui uma relação bastante conflituosa com a família. Separado, com dois filhos vivos e dois casais de netos, ele sente dificuldade em lidar com a separação de sua mulher. Quando perguntado sobre sua família ele se enrola: “(quando perguntado se é casado) Sou, sou... separado né”. Mesmo separado e com a ex esposa mantendo um relacionamento com outra pessoa ele ainda buscou uma aproximação que não deu certo.

Sua relação com os filhos parece ser ainda mais complicada. Com um filho preso e uma filha já casada. Seu Zé disse que não recebeu muitas visitas nem de sua filha nem de sua ex-esposa desde que se mudou para o Lar. Segundo relatos da funcionária Laudi⁴³ que era secretária do asilo, toda vez que sua filha ia visitá-lo eles brigavam então ela magoada ficava um bom tempo sem ir visitá-lo. Não sabemos os motivos destas brigas nem como é seu relacionamento com o outro filho que se encontra preso. Seu Zé demonstra-se bastante reservado com relação a sua relação com a família guardando para ele suas mágoas e tristezas.

Dona Rosa relembra seu passado e seu relacionamento com o filho de criação fruto do primeiro casamento de seu marido, e o carinho que tem por ele, e suas decepções amorosas. Um casamento (apenas no religioso) que chegou ao fim pela traição do marido e descobertas acerca de seu passado que decepcionou bastante. Perguntei a ela se tinha filhos e:

“Uai, eu tenho um só, quer dizer, eu tenho enteado né, mas as mulher falou assim pra mim um dia: Não, mas ocê tem que falar que é madrasta. Uai, é filho também, aí ela fala que não. Aí ela fala assim, as vezes: Tem madrasta que nunca vi viu! Aí eu falo: Não, num é não. Eu fazia tudo mesmo pra ele, mesmo porque o pai tinha outra amante. O povo falava assim pra mim né, que ela vai lá passear e é amante dele.

*Eu falei assim: Não, num fala isso. Eu, como, se diz, agente teve que ficar sabendo das coisa depois que eu vim pra cá. Eu não acreditava nisso não. Eu falava que ele tem dó dela, que ela ia lá pro meio do mato só pra ver o menino. Num tem disso não(...)”*⁴⁴

Embora se sinta só, Dona Rosa, pelo menos aparentemente, parece não carregar mágoas, mas sim decepções. Morava sozinha e sentia falta de alguém para compartilhar sua vida. Quando se mudou para o asilo passou a ter contato com mais pessoas o que foi benéfico para ela. Surgiram novos amores, amizades, mas se sente só. Passa o dia

⁴³ Laudi Siqueira Silva. Secretária do Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz. Entrevista concedida em abril de 2.006.

⁴⁴ Dona Rosa de Jesus – entrevista concedida em Março de 2.005

tricotando e não recebe visitas, apenas as pessoas que vão visitar o Lar e que param para conversar com ela, fora isso, solidão.

Dona Dinah é uma senhora que apresenta quadros de depressão que necessitam de cuidados especiais. Já tentou suicídio uma vez e foi encaminhada para tratamento no Hospital de Psiquiatria da Universidade Federal de Uberlândia e um dos objetivos de sua internação é, segundo o que disse sua irmão no momento da internação, é integrá-la com outras pessoas para não sofrer novamente de depressão.

Ela sente bastante saudade do seu irmão que foi assassinado, de acordo com seus relatos, por uma mulher que o namorava e, juntamente com outra pessoa, planejou sua morte. Não sabemos ao certo se este acontecimento em sua vida e a falta que faz a presença de seu irmão, foi o motivo de sua tentativa de suicídio, mas é possível dizer seguramente que é algo que a fere profundamente.

“Que saudade do meu irmão. Ele era tao bom, não sabia dizer não para as pessoas; era muito humilde, trabalhador. Morte estúpida a dele.

Mataram ele, uma mulher covarde se aproveitou da bondade dele. Ele era muito sozinho, ela matou ele sem dó nenhuma, planejou tudo.

(...) ela merecia cadeira elétrica, e ela não matou sozinha não, tenho certeza que tinha outra pessoa com ela. Matar do jeito que foi ela não dava conta de fazer sozinha não. Fudou ele todo”.⁴⁵

Filha de um casamento que deu origem a onze (11) irmãos – era para ser dezoito (18), mas dezessete (17) nasceram mortos - hoje são apenas três (3), ela e duas (2) irmãs. A caçula que a encaminhou ao asilo e a visita constantemente, já a outra irmã não. Segundo Dona Dinah, esta tem bastante dinheiro, muito que administrar, por isso não sobra tempo para visitá-la.

Quando perguntei se tinha filhos respondeu: “Nada, sou beata, nunca quis casar não. Quando era mais nova existiu uma pessoa com quem achei que poderia casar, mas num deu certo então preferi ficar sozinha, mas eu tenho sobrinhos”. E quando perguntada se recebia visitas da família não mencionou os sobrinhos, apenas a irmã caçula.

Nota-se que a falta do convívio com os familiares está intrínseca nos diálogos seja de uma maneira mais aberta ou velada, reservada. Falar do passado é para muitos algo complicado ainda mais quando se trata de relações familiares e com uma pessoa que, querendo ou não, e por mais que a relação entre eles seja boa, tem pouca

⁴⁵ Dona Dinah Carvalho – entrevista concedida em Maio de 2.005.

intimidade com elas embora reconheçam a boa vontade do entrevistador. É um assunto que os tocam profundamente por tratar de algo tão pessoal e ligado à sua condição atual.

Muitos desejam um dia irem embora do Lar e retornarem para o convívio de suas famílias. Estar com quem lhes é comum traz todos os benefícios possíveis a eles. É o desejo de serem aceitos novamente pelo seu grupo, pela sociedade deixando a condição de marginalizados e excluídos.

Alguns idosos têm uma visão diferente, como Dona Dinah⁴⁶. Durante a entrevista perguntei a ela se pensa em ir embora do asilo algum dia e ela foi firme na resposta: “Não penso não moço, detesto mudança. Acho ruim demais mudar, assim fico quieta aqui até o dia que Deus quiser (...)”.

Encontra no Lar toda assistência que necessitam e acreditam não encontrar em nenhum outro lugar, portanto não pretendem sair do asilo. Se sair, ir para onde? Desejam apenas continuar tendo contato com sua família como é o caso de Dona Ruth⁴⁷ que tudo que ela mais quer é continuar vendo o neto e vê-lo formado; “eu queria ver o meu neto formado, mas não vou ver nunca. Eu já tenho 77 anos e ele só tem 6, não vou ver”.

Seu Zé já tem outro desejo, de se recuperar do derrame que sofreu, da burcete que o incomoda tanto e voltar a trabalhar.

*“Todo santo dia eu penso em ir (embora do Lar). Eu tenho uma casa, mas fica com a minha ex-esposa, então eu prefiro ficar quieto aqui. (...) eu queria andar, trabalhar, sair daqui, nunca pensei que um dia eu ia vir para um lugar desses. Eu não passaria nem na porta de um lugar como esse”.*⁴⁸

O que não podemos esquecer é que, embora abandonados pela família, pela sociedade, estas pessoas ainda possuem sonhos, esperança como todos nós. Enquanto no mundo fora das paredes do asilo estejamos mais preocupados em fazer valer as nossas necessidades individuais, buscarmos o reconhecimento de nossas ações, o prestígio pela execução delas, fazermos com que nossa vida seja lembrada e que deixe marcas na sociedade. Dentro do asilo o que se vê é a falta de um olhar mais carinhoso da sociedade e menos patriarcal sobre os seus moradores e que dê oportunidades a eles de mostrarem suas aptidões e sua importância. Embora a destreza possa não ser a mesma para

⁴⁶ Dona Dinah Carvalho – entrevista concedida em Maio de 2.005.

⁴⁷ Dona Ruth Gomes Silva – entrevista concedida em março de 2.005

⁴⁸ Seu Zé (José Ferreira de Lima) – entrevista concedida em Abril de 2.005.

desempenhar certas funções, com o passar dos anos foram desenvolvidas e aprimoradas habilidades que só a experiência pode desenvolver.

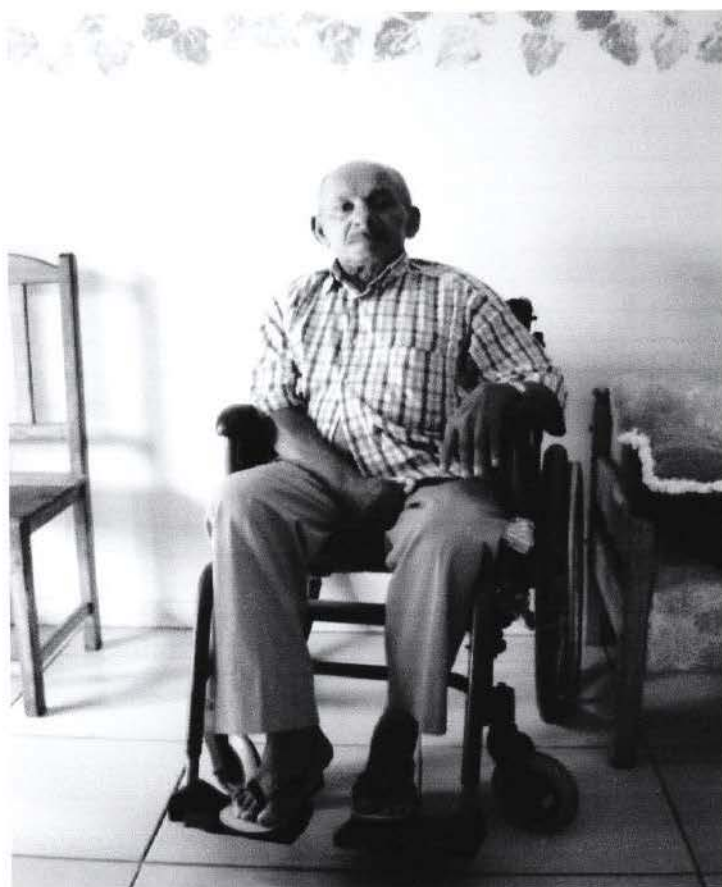


Foto 8 – Seu Zé (José Ferreira de Lima) na sala de televisão. Foto tirada em Março de 2.006.



Foto 9 – Dona Ruth Gomes Silva também no pátio. Foto tirada em Março de 2.006.



Foto 10 – Dona Rosa de Jesus no pátio, onde passa maior parte de dia tricotando e bordando.
Foto tirada em Março de 2.006.

*Dona Dinah não autorizou tirar nenhuma fotografia sua.

Considerações Finais

Durante o período em que estive em contato direto com os internos do Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz fui percebendo que existe uma quantidade enorme de possibilidade de pesquisa relacionada a vida e o cotidiano destes idosos. O que foi feito neste trabalho foi apenas uma destas possibilidades e esperamos que os resultados sejam satisfatórios tanto para as pessoas que tiverem contato com esta obra como foi para mim e, especialmente para os idosos que contribuíram fantasticamente para que esta monografia tomasse os contornos desejados que desde o início foram traçados.

Trabalhar com história oral foi uma das experiências mais gratificantes que tive durante todo período de minha graduação. Aprender a lidar com a memória e a subjetividade dos documentos. Encarar as entrevistas como uma conversa buscando não perder de vista a noção que, embora estejamos trabalhando com as fontes, elas são seres humanos. Por isso a história oral deve ser encarada como a arte de ouvir e que cada história relatada contribui enormemente para o enriquecimento tanto pessoal como da pesquisa mesmo que, a princípio achemos que nada tenha haver com os objetivos traçados a priori, mas estes relatos podem nos levar a alguns pontos que jamais teríamos acesso se fosse seguido um roteiro.

Seria impossível desenvolver este projeto sem se envolver completamente no objeto de pesquisa, o que Ecléa Bosi⁴⁹ chama de “comunidade de destino”. Passar dias inteiros conversando com os idosos, com os funcionários, entrando em contato direto com o dia a dia da instituição.

O trabalho não começa quando se liga o gravador. Ele se iniciou bem antes durante os dias que passei conversando com os idosos o que permitiu uma aproximação muito maior com os eles criando uma relação de amizade e confiança. Não era uma relação unilateral, mas sim verdadeira, pois, se tivesse sido apenas para atingir os objetivos da pesquisa os resultados seriam completamente diferentes.

⁴⁹ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. 3 ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994..

Várias questões e abordagens poderiam ser propostas a partir desta monografia. Um estudo maior a respeito das relações dos internos com as notícias e acontecimentos no mundo seria algo interessante de se estudar, uma vez, que durante todo o período que estive envolvido com a pesquisa notei que as informações chegam aos velhos muitas vezes desencontradas, fruto da escassez de fontes.

Outra análise que poderia ser feita dando continuidade a esse trabalho seria observar como o Estatuto do Idoso (ANEXO 3) ⁵⁰ e seus dispositivos é aplicado tanto nas instituições como fora delas em benefício dos idosos. Se tudo que está previsto em lei está sendo respeitado ou se tem dificuldades de ser implementado pela falta de mecanismos fiscalizadores mais eficazes. Avançando na questão das “políticas de atendimento ao idoso” previsto no Estatuto e se as instituições que atendem a estes idosos cumprem o que é determinado. Estas são apenas uma das vertentes que poderiam ser exploradas.

Esperamos termos cumprido a proposta de levar aos interessados pelo tema uma pequena amostra sobre uma das possibilidades de estudo possíveis. Trabalhar com as memórias e experiências dos velhos residentes no Lar de Amparo ao Idoso André Luiz é com certeza, uma possibilidade que não se esgotou com o fim desta monografia. Há vários caminhos que podem ser propostos a fim de buscar um maior conhecimento acerca da relação entre passado-presente dos idosos do Lar sob óticas diferentes.

O que fizemos nesta monografia foi trabalhar com a memória dos velhos e sua relação com a vida cotidiana deles tendo como fonte principal de estudo os próprios sujeitos e não a instituição em que vivem propriamente dita. Observa-la é de fundamental importância para adquirirmos o arcabouço necessário para se alcançar os objetivos propostos, mas não é a prioridade e sim os indivíduos que a habitam.

⁵⁰ No anexo está presente o capítulo do Estatuto do Idoso e suas prerrogativas relacionadas às políticas de atendimento ao idoso institucionalizado, deveres das casas de repouso, fiscalização e punições previstas em lei para as instituições que não cumprirem o Estatuto.

Referência Bibliografia

BARRETO, Maria Lectícia Fonseca. *Admirável mundo velho: velhice, fantasia e realidade social*. São Paulo: Ática, 1.992.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. 3 ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALDAS, Célia Pereira. Memória, trabalho e velhice: um estudo das memórias de velhos trabalhadores. In: VERAS, Renato (Org). *Terceira Idade: desafios para o terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ UnATI/UERJ, 1.997.

CONFORT, Alex. *A boa idade*. Trad. N. P. Yamamoto, São Paulo, DIFEL, 1.979

CUNHA, Marizete A. *Asilo São Vicente e Santo Antônio – Memória e História*. Tese. Uberlândia. 1999.

DEBERT, Grita Grin. A construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. In: NERI, Anita Liberalesso e DEBERT, Grita Grin (Orgs.) *Velhice e sociedade*. Campinas: Papirus, 1.999. Coleção Vivaidade.

DEPS, Vera Lúcia. Atividade e bem-estar psicológico na maturidade. In: LIBERALESSO, Anita N. *Qualidade de vida e idade madura*. Org. Campinas, SP: Papirus, 1.993 – (Coleção viva idade)

DOMICIANO, Sandra da Cruz Perdigão. *Envelhecer e recordar: percepções e significados de uma experiência*. São Paulo: PUC, 1.994.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad. Lúcia M. Pondé Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1.987.

HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. *A ideologia da velhice*. São Paulo: Cortez, 1.986

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. *A invenção social da velhice*. Rio de Janeiro: Papagaio, 1.989.

MUCHAIL, Salma Tannus. O lugar das instituições na sociedade disciplinar. In: RIBEIRO, Renato Janine (Org.) *Recordar Foucault*. Os textos do colóquio Foucault. São Paulo: Brasiliense, 1.985.

OLIEVENSTEIN, Claude. *O nascimento da velhice*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2.001

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: BARROS. *Velhice ou terceira idade?* 2. ed. Rio de janeiro: Editora FGV, 2.000.

PEREIRA, Cilésia Aparecida. *A institucionalização da velhice e o cotidiano de internos do asilo São Vicente de Paulo em Paracatu* – Uberlândia, 2004.

PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os fatos*: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Revista Fundamentos. Rio de Janeiro, vol. 1,1996. p. 59-72

PORTELLI, Alessandro. *As fronteiras da memória*. O massacre das Fossas Ardeatinas. História, mito, rituais e símbolos. Uberlândia, p. 9-25

PORTELLI, Alessandro. O momento da minha vida: funções do tempo na história oral. In. *International Oral Journal*. [s.1.], II, nº3, p. 298-313

PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho*: algumas reflexões sobre a ética na história oral. Projeto História. São Paulo, nº. 15. p. 13-49

THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória*: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias. Projeto História. São Paulo, nº15, p. 51-85

GRUPO ESPÍRITA ANDRÉ LUIZ**PRIMEIRA ALTERAÇÃO DO ESTATUTO SOCIAL****CAPÍTULO I****DO GRUPO ESPÍRITA "ANDRÉ LUIZ", SEUS FINS E ATIVIDADES:**

ARTIGO 1º - O Grupo Espírita "André Luiz" fundado em 21 de fevereiro de 1989, nesta cidade de Uberlândia/MG, é uma entidade religiosa, científica e filosófica, de prazo indeterminado, de natureza beneficente e sem fins lucrativos, constituída e organizada com o objetivo de ensinar e praticar a Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec, bem como orientar a todos os seus adeptos na prática da caridade tendo por base os ensinamentos contidos nos Evangelhos por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Parágrafo Único - O Grupo Espírita "André Luiz" poderá participar de órgãos unificadores, associações, congressos e demais eventos que tenham a mesma natureza da sua.

ARTIGO 2º - Para a realização de seus fins o Grupo Espírita "André Luiz" realizará as seguintes atividades:

- a) Manterá uma sede social na qual funcionarão um Departamento de Evangelização de crianças, jovens e adultos; um Departamento de Assistência aos necessitados com um lar de amparo ao idoso denominado 'LAR ESPÍRITA DE AMPARO AO IDOSO "ANDRÉ LUIZ" e um Departamento de Difusão do Espiritismo Cristão. A prestação de serviços no "LAR" será permanentemente gratuita, e sem qualquer discriminação.
- b) Manterá semanalmente reuniões públicas de esclarecimento evangélico doutrinário, estudos da obra espírita e experimentações mediúnicas.
- c) Organizará freqüentemente palestras, círculos de estudos, jornadas, seminários e cursos sobre temas evangélicos, doutrinários de caráter religioso. Científico e filosófico.
- d) Fortalecerá o espírito de conagração entre seus membros e demais membros de organizações diversas, desde que não fira os princípios da própria Doutrina Espírita e a fraternidade cristã.

CAPÍTULO II**DOS ASSOCIADOS E DOS SEUS DIREITOS E DEVERES:**

ARTIGO 3º - O Grupo Espírita André Luiz compõe-se de um número ilimitado de sócios que são todos os membros freqüentadores efetivos do Grupo.

Parágrafo Único - São considerados membros freqüentadores efetivos aqueles que por mais de 12(doze) meses consecutivos freqüentarem suas atividades e reuniões, demonstrando dedicação e boa vontade para com o Grupo, interessando-se por seus problemas e necessidades.



ARTIGO 4º - Os sócios do Grupo Espírita André Luiz serão os responsáveis pela manutenção em todos os sentidos e, particularmente no que diz respeito à questão financeira, através de contribuição mensal espontânea.

ARTIGO 5º - Os sócios do Grupo Espírita André Luiz poderão votar e serem votados para a composição da Diretoria

ARTIGO 6º - Constitui deveres dos sócios:

- a) Contribuir para o progresso do Grupo e a difusão da Doutrina Espírita;
- b) Atender a todas necessidades da Casa;
- c) Zelar pela conservação e limpeza;
- d) Abster-se de manifestações que envolvam questões políticas partidárias, outras religiões e qualquer preconceito;
- e) Votar e ser votado de maneira democrática, não só para a eleição da Diretoria como para definir questões que exijam posicionamento dos membros freqüentadores;
- f) Cumprir rigorosamente o presente Estatuto e Regimento Interno e as resoluções tomadas pela Diretoria em comum acordo com os membros freqüentadores da casa.

CAPÍTULO III

DA DIRETORIA E SUAS ATRIBUIÇÕES;

ARTIGO 7º - O Grupo Espírita André Luiz será administrado por uma diretoria eleita bienalmente, composta por: Presidente, Vice-Presidente, um Secretário, 1º Tesoureiro e 2º Tesoureiro.

Parágrafo 1º - Todos os cargos serão reelegíveis uma vez consecutivamente.

Parágrafo 2º - A diretoria não será remunerada ou receberá concessão de vantagens ou benefícios de qualquer natureza.

ARTIGO 8º - À Diretoria compete:

- a) Reunir-se bimestralmente em sua sede a fim de deliberar sobre todos os assuntos atinentes às atividades do Grupo;
- b) Reunir-se extraordinariamente sempre que apresentarem situações que justifiquem;
- c) Criar Departamentos e Núcleos de Trabalhos, suprimir ou incorporar os já existentes, desde que contribua para o progresso e melhoramento do Grupo;
- d) Redigir, aprovar e cumprir o Regimento Interno;
- e) Indicar os coordenadores dos vários Departamentos e Núcleos de Trabalhos, bem como incrementar suas tarefas;
- f) Sugerir, aprovar e convidar pessoas que por sua experiência e conhecimento possam contribuir para a melhoria e informação de todos, através de palestras, círculos de estudos, jornadas, seminários e cursos, desde que onerem a Instituição;



- g) Aprovar planos para a construção, melhoria ou modificações na sede;
- h) Fixar datas, horários e convocar reuniões ordinárias e extraordinárias;
- i) Representar o Grupo junto a autoridades diversas quando se fizer necessário;
- j) Sugerir modificações deste Estatuto.

ARTIGO 9º - Ao Presidente compete:

- a) Representar o Grupo juntamente com os demais membros da diretoria em todas as situações, em Juízo e fora dele, e em geral em suas relações com terceiros, delegando poderes a quem julgar conveniente;
- b) Convocar e presidir as reuniões ordinárias e extraordinárias da Diretoria;
- c) Convocar e presidir as reuniões gerais do Grupo (Art. 2º. Alínea b), ou indicar quem poderá fazê-lo;
- d) Supervisionar toda a movimentação da Secretaria, Tesouraria, dos Departamentos e Núcleos de Trabalho;
- e) Prestar contas de sua administração.

ARTIGO 10º - Ao Vice-Presidente compete:

- a) Cooperar com o Presidente em todas as suas funções e substituí-lo em seus impedimentos;
- b) Assumir a coordenação de um Departamento ou Núcleo de Trabalho do Grupo;
- c) Prestar contas da sua administração.

ARTIGO 11º - Ao Secretário compete:

- a) Dirigir todo expediente do Grupo;
- b) Redigir toda a documentação e correspondência do Grupo, podendo para isto e as demais tarefas do seu cargo solicitar a colaboração de um ou mais membros freqüentadores;
- c) Organizar e manter em dia o arquivo do Grupo;
- d) Cooperar com o Presidente e Vice-Presidente no incremento das atividades e dos Departamentos ou Núcleos;
- e) Simplificar o mais possível as questões burocráticas, limitando-se ao mínimo indispensável.

ARTIGO 12º - Ao Tesoureiro compete:

- a) Executar todo o serviço de Tesouraria e contabilidade do Grupo;
- b) Organizar e executar o serviço de arrecadação da receita e ainda programar e executar as despesas mensais obrigatórias do Grupo e demais que forem necessárias;
- c) Depositar os saldos financeiros em estabelecimentos bancários, à escolha da Diretoria;
- d) Assinar, juntamente com outros membros da Diretoria, indicados por ela, cheques bancários, recibos, notas e documentos;
- e) Redigir e manter organizada toda a escrituração da Tesouraria, atendendo às exigências legais, mas simplificando ao máximo a questão burocrática;
- f) Publicar sempre que se fizer necessário, a prestação de contas do Grupo;
- g) Solicitar sempre que se fizer necessário, a colaboração de um ou mais membros freqüentadores do Grupo para manter sempre em dia o trabalho da Tesouraria;
- h) Coordenar os trabalhos de construção, modificação e melhoria da sede;
- i) Prestar contas da sua administração.



Parágrafo Único - As eleições e posse das Diretorias acontecerão no mês de dezembro, bianualmente, sendo que os referidos cargos serão exercidos gratuitamente.

CAPÍTULO IV
DO CONSELHO CONSULTIVO E SUAS ATRIBUIÇÕES:

ARTIGO 13º - O Grupo espírita André Luiz, constituir-se-á além da sua Diretoria, de um Conselho Consultivo composto por todos os seus sócios ou membros freqüentadores (vide Art. 3º § Único), independente de eleições e posse.

ARTIGO 14º - Compete ao Conselho consultivo, além das atribuições expressas nos Art. 4º, 5º e 6º deste Estatuto, fiscalizar o trabalho da Diretoria e denunciar atos duvidosos e/ou contrários aos princípios da Doutrina Espírita sob a responsabilidade do Grupo Espírita André Luiz.

CAPÍTULO V
DO PATRIMÔNIO E SUA CONSTITUIÇÃO:

ARTIGO 15º - O patrimônio do Grupo Espírita André Luiz, constitui-se de bens e valores legalmente adquiridos, arrecadados e/ou recebidos por meio de compra, doação ou legado.

ARTIGO 16º - Em caso de dissolução do Grupo e/ou do Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz, seus bens e patrimônio serão entregues à Instituição Espírita que maior contato e apoio ofereceu durante sua existência e que tenha os mesmos objetivos.

ARTIGO 17º - Em nenhuma hipótese haverá a distribuição de resultados ou bonificações entre os sócios e também à sua diretoria.

ARTIGO 18º - Será garantida a aplicação integral da renda obtida com os eventos, subvenções ou doações, no desenvolvimento das atividades do Lar e no cumprimento de seus objetivos.

CAPÍTULO VI
DAS DISPOSIÇÕES FINAIS:

ARTIGO 19º - o Regimento Interno completará as disposições deste Estatuto regulando e estabelecendo a ordem interna.



ARTIGO 20º - Em caso de empate em eleições, serão decididas em favor do candidato com maior tempo de trabalho no Grupo e em segundo lugar o mais velho.

ARTIGO 21º - O presente Estatuto poderá ser alterado em Assembléia do Conselho consultivo convocada especialmente e devendo estar presente 50% e mais um da totalidade de seus membros.

Esta é a íntegra do Estatuto aprovado em reunião extraordinária, convocada especialmente para este fim que altera o CAPÍTULO I ARTIGO 1º e ARTIGO 2º ALÍNEA A, CAPÍTULO III ARTIGO 7º, PARÁGRAFO 1º e 2º e CAPÍTULO V - DO PATRIMÔNIO E SUA CONSTITUIÇÃO artigos 15º, 16º e 17º, e mantém inalterados os demais Parágrafos, Artigos e Capítulos.

Uberlândia, 16 de Outubro de 2.002.

Carmen Lúcia Souza Rezende Amâncio - Presidente

Oswaldo Luiz Amâncio - Vice-Presidente

Gleber Gonçalves Vilela de Andrade - Secretário

Márcia Gomes Soares Carvalho - 1º Tesoureira

Sérgio de Araújo Carvalho - 2º Tesoureiro



REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS JURÍDICAS
Av. João Pinheiro, 442 - Fone/fax (34) 3214-2250
OFICIAL
Wilma Marquez Borges
Protocolado e Registrado nesta data
Sob nº Ordem 02431
Microfilmado sob nº 199755
Uberlândia/MG, 25 OUT. 2002

A Prefeitura Municipal de Uberlândia/ Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, Habitação e Trabalho, através da Diretoria de Proteção Social ao Idoso e Pessoa com Deficiência desenvolve um trabalho para a população idosa que é considerado inovador, sendo referência para diversos municípios da região.

Dentre os atendimentos destacamos os seguintes projetos:

I- PROJETO DE ATENDIMENTO AO IDOSO NÃO INSTITUCIONALIZADO

CEAI-I e II

CEAI's - Centro Educacional de Assistência Integrada. Projeto cuja finalidade é atender a população com idade igual ou superior a 60 anos, oferecendo atendimento multidisciplinar integrado em espaço físico planejado.

CEAI-I - Endereço: Av. Rondon Pacheco, 5865 – B. Brasil – Fone: 3232-0122

CEAI-II – Rua Senegal, nº. 30 – B. Laranjeiras – Fone: 3231-6004

Encontra-se também em fase avançada de construção o CEAI-III-
Rua Roberto Margonari, nº. 100 – B. Luizote de Freitas.

Objetivos:

Possibilitar atendimento nas áreas social, saúde, educação, cultura e lazer;
Valorizar os usuários, incentivando-os em suas habilidades e potencialidades;
Buscar a integração família-sociedade-usuário;

Atividades desenvolvidas:

Atendimento: social, médico, odontológico, fisioterápico, psicológico, e enfermagem.
Alfabetização de adultos;
Aulas específicas: alongamento, relaxamento, arteterapia, teatro, dança de salão e de rua, coral e instrumentos musicais;
Atividade física;
Atividade manual;
Grupos e oficinas;
Tarde de lazer;
Festas comemorativas.

III- PROJETO CONVIVER

O Conviver é um projeto que trabalha com o idoso em sua própria comunidade, propiciando aos participantes uma melhor qualidade de vida, através de um atendimento grupal, que lhes ofereça oportunidade de participação em seu meio social, desenvolvendo atividades nas áreas: física, psicossocial, laborativa e de lazer, onde a equipe de profissionais técnicos (Assistente Social, Educador Físico, Instrutor de Artes e Ofícios), se desloca até o local de atendimento.

Atualmente existem 12 grupos em diferentes bairros da cidade com reuniões no horário das 13:00 às 16:30 em locais cedidos pela comunidade como: centros de bairros, clube de mães, paróquias e centro espíritas.

LOCAIS DE ATENDIMENTO

1- Bom Jesus

Salão da Sociedade São Vicente de Paula (Quinta-feira)
Av. Monsenhor Eduardo, 963

2- Industrial

Igreja São José Operário (Quinta-feira)
Av. Cabanadas, 250 – B. Marta Helena

3- Jaraguá

Paróquia Div. Esp. Santo (Sexta-feira)
Av. Mógno, 355

4-Luizote de Freitas

Salão Santa Edwiges (Segunda -feira)
R. Genarino Cazabona, 802

5- Martins

Casa da Divina Providência (quarta-feira)
Av. Raulino Cotta Pacheco, 561

6-Morumbi

Centro Comunitário Bairro Morumbi (Terça-feira)
R. Caruru, 974

7- Roosevelt

Paróquia São Judas Tadeu (Quinta-feira)
Av. Morum Bernardino, 600

8-Santo Inácio

Clube de Mães Neusa Resende
R. do Professor, 410 (Sexta-feira)

9- Santa Mônica

Paróquia Santa Mônica
R. Pedro José Samora, 403- (Terça-feira)

10- Saraiva

Paróquia São Pedro (Quarta-feira)
Pça. Vasco Gifoni, 20

11- Tocantins

Centro Espírita Lar Esperança (Sexta-feira)
Rua Dr. Manoel Thomaz, 730

12- Mansour

SESI- Mansour (segunda-feira)
Rua Rio Carité, 50

II- ATENDIMENTO A CASOS EMERGENCIAIS

O atendimento a casos emergenciais é um projeto que trabalha com o idoso e deficiente em situação de risco, abandono e maus tratos. Para este atendimento faz-se necessário a intervenção do profissional do Serviço Social, o qual recebe denúncias, realiza visitas domiciliares para estudo de caso, emite parecer social e encaminhamentos necessários, visando assegurar os direitos integrais do idoso e deficiente.

Como forma de efetivar este trabalho e as ações propostas, a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, Habitação e Trabalho tem como parceiro o Ministério Público- Curadoria do Idoso e Deficiente, disponibilizando veículo, campo de estágio, e um profissional do Serviço Social para acompanhar, interceder e intervir nos casos encaminhados pela Diretoria, bem como, nos processos em tramite no Ministério Público.

Atividades desenvolvidas:

➡ Atendimento de denúncias referentes a:

- Atendimento inadequado de Instituição Asilar
- Abandono ou Omissão familiar
- Agressões Físicas, Psicológicas e Verbais
- Carência Econômica
- Exploração Financeira
- Idoso Agressivo, Demenciado ou Dependente

Parcerias:

- ⊕ CMI - Conselho Municipal do Idoso;
- ⊕ Ministério Público – Curador do Idoso e Deficiente;
- ⊕ Entidades de Longa Permanência para Idosos - Filantrópicas e Particulares;
- ⊕ Vigilância Sanitária.

IV- PROJETO DE ATENDIMENTO AO IDOSO INSTITUCIONALIZADO

Reeducação Global

Atividades realizadas nos CEAI's, com o objetivo de possibilitar ao idoso institucionalizado formas de desenvolvimento pessoal e grupal, através de estímulos diversos.

V- PROJETO DE ACOMPANHAMENTO ORIENTAÇÃO, ASSESSORIA E AVALIAÇÃO DE ENTIDADES DE LONGA PERMANÊNCIA

Acompanhamento sistemático junto às entidades de Longa Permanência, filantrópicas ou particulares garantindo a defesa dos direitos assegurados aos idosos internos. Para este atendimento é disponibilizado um profissional do Serviço Social sendo uma de suas atribuições as visitas periódicas às Instituições como forma de garantir os serviços prestados e o atendimento do idoso em suas necessidades bio-psico-sociais, apoio técnico, além de interceder e intervir nos casos encaminhados pela Diretoria, Conselho Municipal do Idoso e demais cidadãos.

Parcerias:

- ✚ CMI - Conselho Municipal do Idoso;
- ✚ Ministério Público – Curador do Idoso e Deficiente;
- ✚ Entidades de Longa Permanência para Idosos - Filantrópicas e Particulares;
- ✚ Vigilância Sanitária.

VI- PROJETO DE SUPERVISÃO ÀS ENTIDADES SUBVENCIONADAS DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS.

Apoio e assessoria às entidades subvencionadas, que atendem ao idoso e deficiente através de ação contínua no sentido de avaliar, mensurar e propor procedimentos aos aspectos qualitativos do atendimento.

Das entidades subvencionadas do segmento de idosos e deficientes destacam -se as seguintes:

IDOSO

NOME DA ENTIDADE	ENDEREÇO
1-ASILO SÃO VICENTE E SANTO ANTÔNIO Presidente: Margarida Damasceno	R.: Coronel Severiano, 131 - Fundinho Fone: 3236.8541

2-LAR ESPÍRITA DE AMPARO AO IDOSO - ANDRÉ LUIZ Presidente: Gleber Coordenadora: Simone	R.: Ipanema, 840 -B.: Copacabana Fone: 3214-8909
3-LAR DE AMPARO E PROMOÇÃO HUMANA Coordenadora: Alessandra Matilde Costa Presidente: Icanuza Bittar	Rua do Cinegrafista, 99 - B.: Planalto Fone: / 3223-7960
4-FUNDAÇÃO DE AÇÃO SOCIAL EVANGÉLICA Rev. "Adão Bontempo - FASE Coord: Denise de Fátima Pontes Jarger Presidente: João de Oliveira Souza	R.: José Silva Santos, 240 - B.: Santa Luzia Fone: 3216-1304

Art. 43. As medidas de proteção ao idoso são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nesta Lei forem ameaçados ou violados:

- I – por ação ou omissão da sociedade ou do Estado;
- II – por falta, omissão ou abuso da família, curador ou entidade de atendimento;
- III – em razão de sua condição pessoal.

CAPÍTULO II

DAS MEDIDAS ESPECÍFICAS DE PROTEÇÃO

Art. 44. As medidas de proteção ao idoso previstas nesta Lei poderão ser aplicadas, isolada ou cumulativamente, e levarão em conta os fins sociais a que se destinam e o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários.

Art. 45. Verificada qualquer das hipóteses previstas no art. 43, o Ministério Público ou o Poder Judiciário, a requerimento daquele, poderá determinar, dentre outras, as seguintes medidas:

- I – encaminhamento à família ou curador, mediante termo de responsabilidade;
- II – orientação, apoio e acompanhamento temporários;
- III – requisição para tratamento de sua saúde, em regime ambulatorial, hospitalar ou domiciliar;
- IV – inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a usuários dependentes de drogas lícitas ou ilícitas, ao próprio idoso ou à pessoa de sua convivência que lhe cause perturbação;
- V – abrigo em entidade;
- VI – abrigo temporário.

TÍTULO IV

DA POLÍTICA DE ATENDIMENTO AO IDOSO

CAPÍTULO I

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 46. A política de atendimento ao idoso far-se-á por meio do conjunto articulado de ações governamentais e não-governamentais da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

Art. 47. São linhas de ação da política de atendimento:

I – políticas sociais básicas, previstas na Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994;

II – políticas e programas de assistência social, em caráter supletivo, para aqueles que necessitarem;

III – serviços especiais de prevenção e atendimento às vítimas de negligência, maus-tratos, exploração, abuso, crueldade e opressão;

IV – serviço de identificação e localização de parentes ou responsáveis por idosos abandonados em hospitais e instituições de longa permanência;

V – proteção jurídico-social por entidades de defesa dos direitos dos idosos;

VI – mobilização da opinião pública no sentido da participação dos diversos segmentos da sociedade no atendimento do idoso.

CAPÍTULO II

DAS ENTIDADES DE ATENDIMENTO AO IDOSO

Art. 48. As entidades de atendimento são responsáveis pela manutenção das próprias unidades, observadas as normas de planejamento e execução emanadas do órgão competente da Política Nacional do Idoso, conforme a Lei nº 8.842, de 1994.

Parágrafo único. As entidades governamentais e não-governamentais de assistência ao idoso ficam sujeitas à inscrição de seus programas, junto ao órgão competente da Vigilância Sanitária e Conselho Municipal da Pessoa Idosa, e em sua falta, junto ao Conselho Estadual ou Nacional da Pessoa Idosa, especificando os regimes de atendimento, observados os seguintes requisitos:

I – oferecer instalações físicas em condições adequadas de habitabilidade, higiene, salubridade e segurança;

II – apresentar objetivos estatutários e plano de trabalho compatíveis com os princípios desta Lei;

III – estar regularmente constituída;

IV – demonstrar a idoneidade de seus dirigentes.

Art. 49. As entidades que desenvolvam programas de institucionalização de longa permanência adotarão os seguintes princípios:

I – preservação dos vínculos familiares;

II – atendimento personalizado e em pequenos grupos;

III – manutenção do idoso na mesma instituição, salvo em caso de força maior;

IV – participação do idoso nas atividades comunitárias, de caráter interno e externo;

V – observância dos direitos e garantias dos idosos;

VI – preservação da identidade do idoso e oferecimento de ambiente de respeito e dignidade.

Parágrafo único. O dirigente de instituição prestadora de atendimento ao idoso responderá civil e criminalmente pelos atos que praticar em detrimento do idoso, sem prejuízo das sanções administrativas.

Art. 50. Constituem obrigações das entidades de atendimento:

I – celebrar contrato escrito de prestação de serviço com o idoso, especificando o tipo de atendimento, as obrigações da entidade e prestações decorrentes do contrato, com os respectivos preços, se for o caso;

II – observar os direitos e as garantias de que são titulares os idosos;

III – fornecer vestuário adequado, se for pública, e alimentação suficiente;

IV – oferecer instalações físicas em condições adequadas de habitabilidade;

V – oferecer atendimento personalizado;

VI – diligenciar no sentido da preservação dos vínculos familiares;

VII – oferecer acomodações apropriadas para recebimento de visitas;

VIII – proporcionar cuidados à saúde, conforme a necessidade do idoso;

IX – promover atividades educacionais, esportivas, culturais e de lazer;

X – propiciar assistência religiosa àqueles que desejarem, de acordo com suas crenças;

XI – proceder a estudo social e pessoal de cada caso;

XII – comunicar à autoridade competente de saúde toda ocorrência de idoso portador de doenças infecto-contagiosas;

XIII – providenciar ou solicitar que o Ministério Público requirite os documentos necessários ao exercício da cidadania àqueles que não os tiverem, na forma da lei;

XIV – fornecer comprovante de depósito dos bens móveis que receberem dos idosos;

XV – manter arquivo de anotações onde constem data e circunstâncias do atendimento, nome do idoso, responsável, parentes, endereços,

cidade, relação de seus pertences, bem como o valor de contribuições, e suas alterações, se houver, e demais dados que possibilitem sua identificação e a individualização do atendimento;

XVI – comunicar ao Ministério Público, para as providências cabíveis, a situação de abandono moral ou material por parte dos familiares;

XVII – manter no quadro de pessoal profissionais com formação específica.

Art. 51. As instituições filantrópicas ou sem fins lucrativos prestadoras de serviço ao idoso terão direito à assistência judiciária gratuita.

CAPÍTULO III

DA FISCALIZAÇÃO DAS ENTIDADES DE ATENDIMENTO

Art. 52. As entidades governamentais e não-governamentais de atendimento ao idoso serão fiscalizadas pelos Conselhos do Idoso, Ministério Público, Vigilância Sanitária e outros previstos em lei.

Art. 53. O art. 7º da Lei nº 8.842, de 1994, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 7º Compete aos Conselhos de que trata o art. 6º desta Lei a supervisão, o acompanhamento, a fiscalização e a avaliação da política nacional do idoso, no âmbito das respectivas instâncias político-administrativas.”(NR)

Art. 54. Será dada publicidade das prestações de contas dos recursos públicos e privados recebidos pelas entidades de atendimento.

Art. 55. As entidades de atendimento que descumprirem as determinações desta Lei ficarão sujeitas, sem prejuízo da responsabilidade civil e criminal de seus dirigentes ou prepostos, às seguintes penalidades, observado o devido processo legal:

I – as entidades governamentais:

- a) advertência;
- b) afastamento provisório de seus dirigentes;
- c) afastamento definitivo de seus dirigentes;
- d) fechamento de unidade ou interdição de programa;

II – as entidades não-governamentais:

- a) advertência;
- b) multa;
- c) suspensão parcial ou total do repasse de verbas públicas;

d) interdição de unidade ou suspensão de programa;

e) proibição de atendimento a idosos a bem do interesse público.

§ 1º Havendo danos aos idosos abrigados ou qualquer tipo de fraude em relação ao programa, caberá o afastamento provisório dos dirigentes ou a interdição da unidade e a suspensão do programa.

§ 2º A suspensão parcial ou total do repasse de verbas públicas ocorrerá quando verificada a má aplicação ou desvio de finalidade dos recursos.

§ 3º Na ocorrência de infração por entidade de atendimento, que coloque em risco os direitos assegurados nesta Lei, será o fato comunicado ao Ministério Público, para as providências cabíveis, inclusive para promover a suspensão das atividades ou dissolução da entidade, com a proibição de atendimento a idosos a bem do interesse público, sem prejuízo das providências a serem tomadas pela Vigilância Sanitária.

§ 4º Na aplicação das penalidades, serão consideradas a natureza e a gravidade da infração cometida, os danos que dela provierem para o idoso, as circunstâncias agravantes ou atenuantes e os antecedentes da entidade.

CAPITULO IV

DAS INFRAÇÕES ADMINISTRATIVAS

Art. 56. Deixar a entidade de atendimento de cumprir as determinações do art. 50 desta Lei:

Pena – multa de R\$ 500,00 (quinhentos reais) a R\$ 3.000,00 (três mil reais), se o fato não for caracterizado como crime, podendo haver a interdição do estabelecimento até que sejam cumpridas as exigências legais.

Parágrafo único. No caso de interdição do estabelecimento de longa permanência, os idosos abrigados serão transferidos para outra instituição, a expensas do estabelecimento interditado, enquanto durar a interdição.

Art. 57. Deixar o profissional de saúde ou o responsável por estabelecimento de saúde ou instituição de longa permanência de comunicar à autoridade competente os casos de crimes contra idoso de que tiver conhecimento:

Pena – multa de R\$ 500,00 (quinhentos reais) a R\$ 3.000,00 (três mil reais), aplicada em dobro no caso de reincidência.

Art. 58. Deixar de cumprir as determinações desta Lei sobre a prioridade no atendimento ao idoso:

Pena – multa de R\$ 500,00 (quinhentos reais) a R\$ 1.000,00 (um mil reais) e multa civil a ser estipulada pelo juiz, conforme o dano sofrido pelo idoso.

CAPÍTULO V

DA APURAÇÃO ADMINISTRATIVA DE INFRAÇÃO ÀS NORMAS DE PROTEÇÃO AO IDOSO

Art. 59. Os valores monetários expressos no Capítulo IV serão atualizados anualmente, na forma da lei.

Art. 60. O procedimento para a imposição de penalidade administrativa por infração às normas de proteção ao idoso terá início com requisição do Ministério Público ou auto de infração elaborado por servidor efetivo e assinado, se possível, por duas testemunhas.

§ 1º No procedimento iniciado com o auto de infração poderão ser usadas fórmulas impressas, especificando-se a natureza e as circunstâncias da infração.

§ 2º Sempre que possível, à verificação da infração seguir-se-á a lavratura do auto, ou este será lavrado dentro de 24 (vinte e quatro) horas, por motivo justificado.

Art. 61. O autuado terá prazo de 10 (dez) dias para a apresentação da defesa, contado da data da intimação, que será feita:

I – pelo autuante, no instrumento de autuação, quando for lavrado na presença do infrator;

II – por via postal, com aviso de recebimento.

Art. 62. Havendo risco para a vida ou à saúde do idoso, a autoridade competente aplicará à entidade de atendimento as sanções regulamentares, sem prejuízo da iniciativa e das providências que vierem a ser adotadas pelo Ministério Público ou pelas demais instituições legitimadas para a fiscalização.

Art. 63. Nos casos em que não houver risco para a vida ou a saúde da pessoa idosa abrigada, a autoridade competente aplicará à entidade de atendimento as sanções regulamentares, sem prejuízo da iniciativa e das providências que vierem a ser adotadas pelo Ministério Público ou pelas demais instituições legitimadas para a fiscalização.

CAPÍTULO VI

DA APURAÇÃO JUDICIAL DE IRREGULARIDADES EM ENTIDADE DE ATENDIMENTO

Art. 64. Aplicam-se, subsidiariamente, ao procedimento administrativo de que trata este Capítulo as disposições das Leis nºs 6.437, de 20 de agosto de 1977, e 9.784, de 29 de janeiro de 1999.

Art. 65. O procedimento de apuração de irregularidade em entidade governamental e não-governamental de atendimento ao idoso terá início mediante petição fundamentada de pessoa interessada ou iniciativa do Ministério Público.

Art. 66. Havendo motivo grave, poderá a autoridade judiciária, ouvido o Ministério Público, decretar liminarmente o afastamento provisório do dirigente da entidade ou outras medidas que julgar adequadas, para evitar lesão aos direitos do idoso, mediante decisão fundamentada.

Art. 67. O dirigente da entidade será citado para, no prazo de 10 (dez) dias, oferecer resposta escrita, podendo juntar documentos e indicar as provas a produzir.

Art. 68. Apresentada a defesa, o juiz procederá na conformidade do art. 69 ou, se necessário, designará audiência de instrução e julgamento, deliberando sobre a necessidade de produção de outras provas.

§ 1º Salvo manifestação em audiência, as partes e o Ministério Público terão 5 (cinco) dias para oferecer alegações finais, decidindo a autoridade judiciária em igual prazo.

§ 2º Em se tratando de afastamento provisório ou definitivo de dirigente de entidade governamental, a autoridade judiciária oficiará a autoridade administrativa imediatamente superior ao afastado, fixando-lhe prazo de 24 (vinte e quatro) horas para proceder à substituição.

§ 3º Antes de aplicar qualquer das medidas, a autoridade judiciária poderá fixar prazo para a remoção das irregularidades verificadas. Satisfeitas as exigências, o processo será extinto, sem julgamento do mérito.

§ 4º A multa e a advertência serão impostas ao dirigente da entidade ou ao responsável pelo programa de atendimento.

TÍTULO V DO ACESSO À JUSTIÇA

CAPÍTULO I DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 69. Aplica-se, subsidiariamente, às disposições deste Capítulo, o procedimento sumário previsto no Código de Processo Civil, naquilo que não contrarie os prazos previstos nesta Lei.

Art. 70. O Poder Público poderá criar varas especializadas e exclusivas do idoso.

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS EFETUADAS NO LAR DE AMPARO AOS IDOSOS ANDRÉ LUIZ

Entrevista com o Senhor José Ferreira de Lima

Data de Nasc: 11/02/1938

São José do Mipibu – RN

Data de Internação: 30/07/1999

Responsável: Maria Elizabeth C. Silva (ex-esposa)

- *Seu Zé, me desculpe a indiscrição, mas qual é a sua idade?*

- Sessenta e sete anos

- *E a quanto tempo o senhor está aqui no Lar?*

- Ah, já faz uns seis anos. Eu sou um dos que tá aqui a mais tempo, a maioria chegou depois de mim. Quando eu vim pra cá essa parte aqui era tudo cascalho (área que atualmente é um jardim onde os idosos passam a maior parte do tempo) só um tempo depois que a..., só depois que ela arrumou isso aqui.

- *Antigamente aqui era menor?*

- Ah era. Tinha só o terreno aqui do lado onde tá a horta e um pedaço da parte de dentro. Mas o resto foi construindo com o tempo. Antes aqui ficava uma barrela só.

- *O senhor é de onde?*

- Sou do nordeste.

- *De que cidade?*

- São José do Mipibu, conhece?

- *Não, fica em que estado?*

- No Rio Grande do Norte

- *O senhor veio para Uberlândia há muito tempo?*

- Já, há uns cinquenta anos.

- *O senhor trabalhava em quê?*

- Já fiz de tudo nessa vida, trabalhei de chapa, na lavoura capinando de sol a sol. Conheço quatorze estados.

- *O senhor viajava muito então.*

- Tinha que trabalhar né.

- *O senhor é casado Seu Zé?*

- Sou, sou...separado né.

- *Tem filhos?*
- Tenho o Gilberto, que está preso, o Gilmar que morreu e uma filha que é casada.
- *O senhor já tem netos?*
- Tenho dois casais.
- *Sua família vem visitar o senhor?*
- Vem de vez enquanto. Minha filha veio umas quatro vezes, minha mulher umas três, quatro vezes.
- *Vieram quatro vezes desde que o senhor veio pra cá?*
- Não, elas já vieram mais vezes.
- *Por que o senhor veio pra cá Seu Zé?*
- Por causa da doença né.
- *O quê que o senhor tem?*
- Derrame.
- *Faz muito tempo que o senhor teve derrame?*
- Sete anos já, mais fazer o quê né! O derrame veio de uma vez, eu nunca tive nada. Estava vendo televisão de noite aí comecei a passar mal e quando fui ver tava no hospital. Esse lado aqui (direito) nem presta mais, está todo paralisado.
- *Mas o senhor faz algum tratamento aqui como fisioterapia?*
- Faço, mas num adianta muito mais não. Ainda têm o problema na minha outra mão, tá vendo, num fecha mais, só esses dois dedos (polegar e indicador). Veio tudo com a burcete, ela deu no ombro primeiro e uma semana depois desceu pra a mão.
- *Mas se o senhor continuar fazendo fisioterapia pode melhorar bastante.*
- Já está bem melhor que antes, faço cinco vezes por semana.
- *O senhor vai ao médico?*
- O médico daqui quase me matou, eu nem olho pra cara dele.
- *O que aconteceu?*
- Eu estava com dor no rim aí ele me deu uma injeção e disse que ia melhorar e não melhorou aí ele olhou de novo e disse que estava dura minhas costas e me deu mais uma injeção e falou que eu tinha que tomar essa injeção dia sim, dia não. De repente quase parou de funcionar o meu rim, as injeção que ele dava era forte demais.
- *Mas o senhor foi a outro médico depois?*
- Nada, foi melhorando um pouco com o tempo, mas eu nem olho pra ele.
- *Como é o tratamento que o senhor recebe aqui?*
- É bom, eles cuidam bem da gente, mas você sabe como é que é né, viver num lugar assim não é fácil.

- *O senhor tem vontade de ir embora daqui?*

- Todo santo dia eu penso em ir. Eu tenho uma casa, mas fica com a minha ex-esposa, então eu prefiro ficar quieto aqui. Se eu não tivesse ficado doente estaria trabalhando até quando eu morresse. A minha filha e a mulher é assim, trabalham dia e noite, de sol a sol.

A vida é muito estranha né, só tem doença, briga, morte, esses bandido ficam matando todo mundo. Tamo pagando os pecados né, trabalhei a vida toda e vou terminar assim, numa cadeira de rodas sem andar, com as perna inchada, sem mexer aqui tudo e dependendo dos outros.

- *O que o senhor gostaria de fazer ainda?*

- Eu queria andar, trabalhar, sair daqui, nunca pensei que um dia eu ia vir para um lugar desses, eu não passaria nem na porta de um lugar como esse.

- *Vocês têm muitas atividades aqui?*

- Ah de vez enquanto vêm uns aí e toca viola, vem um povo dessas escolas ver o que agente tá precisando, fazem brincadeira e depois vão embora. Para as mulher tem mais coisa pra fazer.

- *E para os homens?*

- Num tem nada não. Ficamos parado aqui mesmo.

- *Mas para os homens tem a televisão ali para vocês assistirem um jogo de futebol, um filme não é?* (risos)

- Ah eu não gosto não! (risos)

- *E a moda de viola, o forró que eles tocam aqui? O senhor gosta?*

- Também não. Eu gostava de forró, mas agora eu não quero nem ver (apontando para as pernas), mas nem tem mais isso aqui, antigamente tinha mais.

- *O senhor fez amizade com alguém aqui?*

- Fiz, tem muita gente boa aqui, mas também tem uns que eu vou te falar viu (risos), tem muita gente implicante, dona da verdade aqui. O Chiquinho, o Pedro são muito bonzinho, a Rosa, Ritinha, o Vitor...mas aqui é triste.

- *O quê?*

- Ah, é doença pra todo lado, gente gritando o tempo inteiro, eu nem durmo direito mais. Não dá pra agüentar não, só Deus mesmo.

Entrevista com a Dona Rosa de Jesus

Data de Nasc: 03/06/1940

Patrocínio – MG

Data de Internação: 14/08/2000

Responsável: Marli Alves Almeida

- *Dona Rosa, a senhora tem muita amizade aqui?*

- Uai, às vezes são eles que têm amizade comigo. As pessoas às vezes têm o costume de implicar, mas eu não tenho briga assim com ninguém né. Às vezes, por exemplo, o Jeová, aquele que fica lá na televisão, ele não gosta muito das pessoas, diz que se elas não estivessem aqui, ia ter paz pra todo lado. Agora quando está tudo tranquilo aqui ele não importa não, mas quando o povo tá aqui com o rádio ligado ele vai lá e pá...

- *Ele desliga o rádio?*

- É, ele não gosta não de barulho alto, ele gosta muito é de jogo, aí ele fica lá na televisão quietinho às vezes até meia noite vendo jogo, mas ele xinga tanto. Aí quando ligam o rádio ele falava assim: Num vai tocar nada não, ficava bravo. Aí quando ele chegava perto de mim ele falava: A Ruth tá implicando comigo por causa da televisão né. Quando a Ruth tava aqui né, ele tinha raiva dela né, tudo dela ele falava pra mim.

Quando vem gente aqui e liga o rádio, vem cantar aí ele não implica muito não né. Igual agora, mas quando num tem ninguém aqui ele fica andando, mas mesmo assim tem vezes que as mulher ainda vê ele xingando. Um dia ela falou assim: Ah Dona Rosa eu não estou dando conta mais não, agente tem que ter muita fé em Deus para poder ajudar vocês.

- *A senhora gosta daqui?*

- Gosto, quer dizer, agente gosta né. Como diz, às vezes tem muita gente ruim né que faz as coisa sem pensa. É gente doente, ninguém tem sossego. Olha, outro dia eu escondi a roupa ali né, porque some tudo, aí um vai lá e pega né e eu falo: O quê que cê tá fazendo com roupa minha? Aí pega né e eu falo assim: ô meu Deus do céu que vida difícil essa, como é que eu faço, nem roupa eu tenho aqui direito porque some tudo. Por isso que eu tô colocando tudo numa sacola velha, levo pra lá e pra cá e quando tá na hora de lavar eu mesmo lavo sacode bem e ponho lá no sereno, bate, ajuda muito, sacode bem e não fica tão amarrotado. Mas então se eles lavar, lava de qualquer jeito porque vai joga fora mesmo aí eles mistura tudo né, dá a roupa da gente pra outras pessoas né.

Olha, eu vou falar pra você, aqui tem muita doença. Aí uma vez um homem chegou aqui e falou assim pra mim: E o quê que é isso aí na sua perna?

Uai o médico falou assim que isso aí é problema de veia que vai arrebrandando, atrapalha a circulação, tem que cuidar, ficar com ela para cima; uai mais chega de noite agente não dorme, qualquer coisinha, barulhinho que faz eu num dou conta, tem hora que eu levo aquele susto né.

Tem um velho aqui que levanta de noite e anda quase a noite inteira, vai nos quarto tudo. Tem vez que eu levo aquele susto, quando eu vejo, ele chega lá na porta do quarto e para, fica lá parado olhando né. Esse homem, esses dias pra traz mexeu com a mulher que dorme no meu quarto porque quando ele chegou aqui ela gostou dele, ele pegou no braço dela, aí ele outro dia foi lá no quarto mexer com ela.

- *Quem que é ele?*

O Cássio né.

- *Mas quem é que gostou dele?*

- A Jovenília. A Maria Engração também tava no dia porque ela é cismada até, porque ela tem vontade de ver, saber como ele é, porque diz ela que sente o perfume dele.

- *Ah é?*

- Tá danado mesmo. Depois acorda no meio da noite com um homem dentro do quarto. Ai eu fico pensando, as mulher falou que se botar chave na fechadura dos quarto é perigoso a pessoa chegar aqui arrebentar a porta. Tem tudo isso na vida né.

É, vai rezando, pede proteção pros seus protetor espírita, católico também. Pois é.

- *A senhora já foi casada?*

- Já. Casei no religioso né, num casei no civil não, até um dia minha comadre falou pra mim assim: Tem que casar no civil também. Eu ficava boba assim, calada assim, até esse padre, o Márcio, que deu estudo pra nós aqui né, ele e a Dora, ele falou assim: Olha Dona Rosa a senhora precisa casar, arrumar um namorado que goste da senhora, mas ta muito difícil né.

- *A senhora não quer casar mais não?*

- Ah Nossa Senhora, mas eu vou falar pra você, eu tive até um namoro aqui com um senhor que morava aqui, o Lázaro, você lembra dele?

- *Lázaro? Eu não lembro dele. A senhora quase casou com ele?*

- O Lázaro tem a família dele né. Ele chegava lá pra mim e me chamava pra passear lá na casa da família dele ai a pouco tempo, que dia que foi, acho que foi nesse domingo que passou, veio aqui uma mulher que trabalhou aqui e disse que o Lázaro me mandou lembrança ai eu falei. Ah já desisti, num tem jeito mais né.

Mas então, pra não ficar brigando assim, faz muito tempo que ele não vem aqui. Até no dia das mães eu fiquei esperando aqui ai pensei: Ah ele num vem mais não. Ele gosta muito da filha dele né, é difícil dele ficar vindo né. Até pouco tempo ele vinha mais, passava uns feriado aqui, e eu ia lá em outros né, mas agora ficou difícil.

Ele me falou um dia: Se você quiser eu te levo pra morar lá comigo; mas ele tem a filha né, eu ia dá trabalho, se passasse mal eles iam ter que correr comigo pra hospital e fica difícil né.

Essa mulher que veio aqui no domingo falou que ele mandô ela tomar conta de mim. Pois é, eu não posso sair pra lado nenhum, pode ser isso, mas isso é uma vingança, num posso fazer nada né, os outros vão pros lugar tudo, passeiam, vão lá pra perto do Ceasa dançar nos baile, hoje não tem mais nada lá não né?

- *Acho que não.*

- É não tem nada mais não. Tem dia que não tem uma pessoa pra levar lá né porque é difícil a pessoa sair do trabalho pra levar agente né, tem outras coisa pra fazer. Hoje em dia agente fica mais é quieto no lugar né, nem fica andando muito não.

Antes tinha uma passadeira aqui que já tinha trabalhado aqui mais saiu e foi embora né, e disse que qualquer coisinha eles já estão mandando embora né e fica difícil das pessoas cuidar da família. Quem tem filho né, ainda mais quem tem muitos.

- *A senhora tem filho?*

- Heim? Uai eu tenho só um, quer dizer, eu tenho enteado né, mas a mulher falou assim pra mim um dia: Não, mas ocê tem que falar que é madrasta.

Uai, é filho também, aí ela fala que não, aí ela fala assim às vezes: Tem madrasta que eu nunca vi viu! Aí eu falo: Não, num é não.

- *Tem madrasta que é melhor do que mãe né?*

- Ta doido, eu fazia tudo mesmo pra ele, mesmo porque o pai tinha outra amante. O povo falava pra mim né, que ela vai lá passear e é amante dele.

Eu falei assim: Não, num fala isso, eu, como se diz, agente teve que ficar sabendo das coisas depois que eu vim pra cá. Eu não acreditava nisso não. Eu falava que ele tem dó dela, que ela ia lá pro meio do mato só pra ver o menino. Não num tem disso não.

Ele é dureza. Com a primeira mulher dele, judiou com ela. No dia que ele bateu nela demais né, ela morreu né.

- *Morreu?*

- É, matou ela com um tiro de espingarda dele.

É, acontece disso, Deus que tenha piedade. Ele era viúvo né, mas ele era namorico, o povo falava pra mim que ele era; as moças falavam assim: Ele é bacana, é bacana, é bonito. É isso aí né.

Mas eu falava, ele é bom, de coração bom, não faz essas coisas. Cuidava da mulher direito né, mas fez uma malvadeza dessa, mas é isso.

Ela não quer que tenha pena pra ele não porque ela vive lá no céu, ganhou o céu, mas ele é difícil de ganhar e se ganhar...

- *A senhora veio pra cá faz muito tempo?*

- Uai, já tem cinco anos que eu to aqui.

- *Mas a senhora morava em outro lugar antes né?*

- É, morava lá no Paulo Estevão, saí dela né porque lá não tá tendo gente pra trabalhar, tá sem dinheiro né, aí agente veio pra cá. Agora segunda-feira tem lá, dão aula pras crianças, tem lá aula para os adultos, tem a sopa lá para as crianças, pros adultos, lá no Paulo Estevão né.

- *E aqui tem alguma coisa desse tipo pra vocês? Festa, sopa?*

- Uai, aqui faz sopa toda noite, quando não é sopa, às vezes faz arroz, feijão. Ih mas Nossa Senhora da Guia, às vezes agente come-e e não enche nada aí né, meu Deus do céu quê isso!

- *Mas aqui vocês fazem alguma atividade? Eu acho que já vi a senhora fazendo aula de crochê ali, não é?*

- É tem, mas é preciso deu ta olhando sabe, porque esses dia aqui eu tava procurando a agulha - tem uma aqui né, mas é outra que sumiu, tem mais agulha por ai – elas some tudo, num sei o quê que acontece pra elas sumirem desse tanto.

Pois é, meu marido chamava Pedro né, mas antes tinha um que ficava bebendo, ia ali, depois aqui. Ai o dia que ele mentiu, chegou bebendo e me falando as coisa e eu falei assim: Olha, ele ta bebendo desse jeito antes de casar, imagina depois.

Ai me falaram assim: Olha, ele ta tonto! E eu falei: Ah pode falar pra ele, chamar a atenção dele que, se é pra ficar assim eu não quero mais não; ai parece que ele se arrependeu.

Eles falaram assim pra mim: - Não, nós dá um jeito nele, ele bebe, mas ele larga. Nós junta tudo nele e chama a atenção dele, ai ele vai lá e larga.

Ah num larga não, é difícil viu.

- *Ele bebia muito?*

- Bebia. Morava eu e uma viúva né, e essa viúva eu levei pra dentro de casa. Não dá pra morar junto não.

Mas não adiantou nada não, ai ele desistiu, caiu no mundo.

Eu falei que não queria mais, ai os outros ficavam falando: - Olha, cê vai se arrepender, escuta o que eu tô te dizendo, ele gosta docê.

- *Ai foi depois que a senhora se casou com o seu marido?*

- É, depois que eu desisti com esse.

- *Ai apareceu o Pedro?*

- É, ai apareceu o Pedro. Nossa Senhora da Abadia, Deus que tenha ele lá no céu porque não é vida não meu Deus do céu.

Tem vez que eu fico pensando, agora, quer dizer, agora tem esse problema (perna). Tem hora que eu fico...tem dó.

Entrevista com a Dona Ruth Gomes Silva

Data de Nascimento: 20/08/1926

Rio de Janeiro – MG

Data de Internação: 22/07/2000

Data de Saída: 02/05/2005 (Retorno para a família)

Responsável: Creso Gomes Silva (filho) e Divisão do Idoso

- *Dona Ruth, a quanto tempo a senhora mora aqui?*

- No lar a mais ou menos 5 anos, 5 anos e meio.

- *Como a senhora veio para cá? Veio direto do Rio de Janeiro?*

- Não, vim da casa do meu filho para cá, aqui no Santa Mônica.

- *Quantos filhos a senhora têm?*

- Um só, e um neto lindo!

- *Ele vem visitar sempre a senhora aqui?*

- Hoje não, ele sempre vem nos domingos.

- *Mas ele vem sempre aqui. E a senhora vai na casa dele?*

- Não, tá difícil de eu ir lá, ele viaja muito.

- *Ele trabalha com o que?*

- Eu não gosto de dizer o que é, mas é como um pequeno empresário, ele e o Sílvio amigo dele que é sócio.

- *A senhora tem muitos amigos aqui?*

- Sim, todos eles, os funcionários, são todos meus amigos, mas tem uns internos aqui que tá pra baixo pra mim.

- *A senhora tem amigos entre os internos?*

- Tem, tem sim entre os internos, têm muitos.

- *Mas a senhora tem um bom relacionamento com eles?*

- Ah, da minha parte eu acho, deles é que eu não sei.

- *Como assim?*

- Aqui tem muita pessoa ranzinza, encenqueira, xingam muito. Eu sou muito correta, não gosto de gente ignorante.

- *Aqui no Lar possui muitas atividades para vocês? Como dança...?*

- Tem aulas de bordado, pintura, mais isso eu não gosto não, eu gosto é de pintar o sete!

- *Estas aulas acontecem toda semana?*

- É, todas as semanas, tem caminhada também, eu gosto da caminhada com o Paulo, com a menina eu não gosto não.

- *E onde que vocês fazem caminhada? É por aqui?*

- Sim, é vai pra riba, vai pra lá, tem que ser cedo por causa do sol quente.

- *Como é a rotina de vocês? Vocês acordam cedo?*

- Icha! Eu sou a primeira a acordar aqui, tomo banho 02:30, 03:00 horas da madrugada aí eu não durmo mais não, acordo e não durmo, e de tarde eu tomo outro banho e se estiver muito calor eu tomo outro banho. Eu gosto de ficar sempre limpinha, passo os meus cremes e fico com a pele fresquinha.(risos)

- *Então a senhora dorme cedo.*

- Lá pelas 20:30, 21:00 horas. Eu durmo pouco, qualquer barulho eu acordo, até seu uma barata passar eu acordo.

- *A senhora assiste televisão, lê?*

- Ah vejo televisão para ver noticias das desgraças do Rio de Janeiro, São Paulo que não tá poucas, só do jornal que eu gosto. Novela eu não gosto de ver não.

- *A senhora lê bastante não é?*

- Ah sim, adoro ler romances espíritas, são fascinantes.

- *A senhora é espírita?*

- Não, sou católica, mas acredito muito em espiritismo, afinal pra onde agente vai depois de morto? Nada acaba assim não, não é verdade?

- *A senhora mudou para Uberlândia a muito tempo?*

- A idade do meu neto, 8 anos, mas já voltei no Rio, fui tirar os ossos do meu gostoso que faleceu.

- *Tenho curiosidade, existe um prazo de dez anos para tirar os ossos do túmulo não é?*

- Não é 3 anos, mas eu tirei com 4 anos.

- *O seu filho já morava aqui?*

- Não, veio transferido para cá, veio noivo da minha nora que é do Rio também. O pai dela tinha comprado uma casa maravilhosa para a outra filha e ela veio. Aí eu vim pro casamento do meu filho, aí voltei para pegar os ossos do meu marido. É a vida né!

- *Ai depois do casamento a senhora voltou pro Rio?*

- Ah voltei, só vim pro casamento mesmo.

- *Depois disto que a senhora mudou para cá?*

- A minha nora teve o meu neto, meu filho me ligou e disse que era pai de um menino, por isso é que eu estou aqui, agora, no asilo não foi por isso não, no asilo foi

porque tenho probleminha bobo de coração. Não sei se foi um pretexto bobo para eles me jogarem aqui, aí ele disse: Mãe, a senhora pode passar mal e a Maria, a empregada, pode não te socorrer. Aqui eu já passei mal e me socorreram.

Eu hoje tinha uma palestra com o Dr. Lauro Panussi que operou a minha vista, eu queria demais ter ido, mas não tinha ninguém para me levar. Eu tô aborrecida, tô com o convite aqui, queria ter conhecido o Dr. Zaire. Conheço o irmão dele e queria conhecer ele e o Dr. Flávio Goulart, só que ninguém pode me levar, mas eu vou conseguir o telefone do Dr. Lauro e falar pra ele que não foi culpa minha. Eu queria ter ido, mas foi culpa da coordenadora, a Célia porque ontem eu avisei pra ela e ela prometeu que ia me levar, isso foi uma irresponsabilidade deles!

- *Como é a sua relação com os funcionários aqui?*

- Com os funcionários é muito boa, os funcionários são todos ótimos, mas tem umas cinco pessoas que eu detesto.

- *São funcionários mesmo?*

- Não, internos. Sabe o que é detestar? Pois é.

- *Vocês têm assistência médica aqui?*

- Tem sim, médicos vem todas as terças. O Dr. Luiz Aldori, não sei se ele é bom mesmo, não sei não!

- *Mas vocês têm só médicos? E enfermeiras, fisioterapeutas?*

- Tem, vem quase todos os dias, mas também vem os estudantes de enfermagem as terças e quintas-feiras. A semana foi boa, só não foi ótima pela palestra que eu não fui, porque recebi visitas do professor Enzo da enfermagem, ele é como se fosse meu neto de coração.

- *O que a senhora mais sente falta depois que veio para Minas?*

- Da minha família, dos meus dois irmãos que faleceram, minhas duas cunhadas, do meu filho não, do meu neto.

- *E o que a senhora sente falta depois que veio aqui para o Lar?*

- Aqui? Eu não faço nada, lá eu fazia tricô, costurava, fazia unha francesa, crochê, de tudo isso eu sinto falta.

- *Depois que a senhora veio para cá, a senhora costuma sair muito para passear?*

- Saio não, só pra caminhar e quando o meu filho me manda apanhar, depois eu sonho acordada. Aí até aqui dentro eu conheci um senhor que tem 83 anos, só que ele não gostou daqui, não ficou nem 15 dias aqui no Lar. Ele é de São Paulo, mais ele é muito inteligente, foi advogado, foi juiz, promotor e gostou de mim, mas foi embora, mas ele disse que vem aqui. Um senhor de 83 anos, chique, elegante, gostei dele.

Antigamente era outro tipo de educação, minha mãe era muito recatada e sistemática, eu não saía sozinha com o meu noivo, hoje em dia é tudo diferente, eles sabem de tudo, 13 anos já estão tendo filhos, eu fui criada de outra maneira, casei, fiquei 54 anos casada, não conheci nenhum outro homem intimamente de jeito nenhum. Eu conheci esse senhor, ele tem um apartamento em São Paulo, e ligou aqui e disse que eu sou a razão da

vida dele, olha só. Meu filho não sabe mais a minha nora sabe, se meu filho souber que ele quer me levar para São Paulo..mas eu não vou casar não, se não eu vou perder a pensão do meu falecido, aí eu perco né! Vai ser é trepamento em vez de casamento!(risos) Eu não vou perder a pensão de jeito nenhum.

- *E essa pensão fica guardada no banco?*

- É, fica no banco, tem ainda o aluguel da nossa casa no Rio que eu e meu filho divide o aluguel.

- *Mas a senhora utiliza esse dinheiro?*

- Não, não preciso, deixo lá guardado, eu não tô precisando, nem o meu filho. Deixa pro meu neto quando eu morrer, meu filho não, pro meu neto, ele sabe disso! A casa é enorme, não tem piscina, mas é boa. Mas a vida continua e será boa sempre pra mim, sempre felicidade, agradeço por tudo que Deus me deu e me dá ainda.

- *Tem algum desejo que a senhora ainda quer realizar?*

- Eu queria ver meu neto formado, mas não vou ver nunca, eu já tenho 79 anos e ele só tem 8 anos, não vou ver de jeito nenhum.

- *Ah vai sim, hoje em dia com 21 anos ele já consegue ser formar e a senhora vai Ter 93 anos, vai ver sim, a senhora é muito forte.*

- É difícil meu filho chegar a essa idade, mas vamos ver (risos).

Entrevista com a Dona Dinah Carvalho

Data de Nasc: 25/02/1920 Prata – MG

Data de Internação: 20/06/1999

Responsável: Omília Carvalho Silva (irmã)

- *Dona Dinah, a senhora é de onde?*

- Sou do Prata, morei lá até ficar moça, depois fui pra fazenda, fiquei lá até uns 4 anos a minha irmã na fazenda e depois vim para Uberlândia.

- *Minha mãe é de lá também.*

- É! Mas faz muito tempo que eu mudei de lá, não lembro mais daquelas pessoas, esqueço mesmo, mudei de lá muito pequena. Uma cidadezinha pequena o Prata e é como se fosse uma família.

- *A senhora tem irmãos?*

- Éramos 11 irmãos, hoje são só três. A minha mãe pariu 18 vezes, 7 nasceram mortos, ela sofreu demais, mas foi muito feliz, casou-se com 13 anos de idade. Antigamente as pessoas casavam bem novas né, tinham muitos filhos. Como que é hoje em dia?

- *Estão casando cada vez mais velhos.*

- É mesmo? Mas estão tendo filhos cada vez mais novos né!

- *É verdade, hoje em dia existem meninas que ficam grávidas com 14 anos.*

- Meu Deus, como as coisas mudam né!

- *A senhora tem filhos?*

- Nada, sou beata, nunca quis casar não. Quando era mais nova existiu uma pessoa com quem achei que poderia casar mais não deu certo. Então preferi ficar sozinha, mas eu tenho sobrinhos.

Que saudade do meu irmão, ele era tão bom, não sabia dizer não para as pessoas. Era muito humilde, trabalhador, morte estúpida a dele.

- *O que aconteceu com ele?*

- Mataram ele, uma mulher covarde, se aproveitou da bondade dele. Ele era muito sozinho, ela matou ele sem dó nenhuma, planejou tudo.

- *Quando foi isso?*

- Ah foi em noventa em poucos, não lembro bem.

- *Ela foi presa?*

- Foi nada, foi durante a noite pra ninguém descobrir. Presa nada, ela merecia cadeira elétrica, e ela não matou sozinha não, tenho certeza que tinha outra pessoa com ela. Matar do jeito que foi ela não dava conta de fazer sozinha não. Furou ele todo.

Ele era muito bom, mas morava sozinho, não tinha ninguém, viveu sofrendo.

- *O que o seu irmão fazia?*

- Era viajante de representações de São Paulo, saía pra Brasília, Goiânia, aqui, não sei se ele ia em Uberaba também, eu sei que ele viajava para muito lugar. Trabalhou demais, fez uma casa pra ele bem arrimadinha, não teve gosto, nem teve prazer. Mas a minha mãe, Deus há de perdoar ela, não deixou ele casar, viveu sozinho nessa casa e sofreu muito, veio neste mundo pra sofrer, mas Deus sabe o que faz.

- *A senhora tem outros irmãos?*

- Hoje tenho duas vivas.

- *Elas vêm visitar a senhora?*

- A caçula vem, já outra faz um ano que não vem. A caçula vem toda semana. A outra tem muito apartamento aqui, dinheiro, não precisa de vir aqui não.

- *Precisa vir visitar a senhora, não acha?*

- Vive no telefone mexendo com os negócios dela.

Você mora em casa própria?

- *Graças a Deus.*

- Coisa boa né! Quem tem casa tem tudo.

- *A senhora morava sozinha?*

- Não, morei num apartamento 2 anos, ia rodando aí nessas pensões, hotel, tinha lugar que morei 7 anos, assim passei. Depois minha irmã arranjou apartamento para mim, 40 degraus pra subir, aí inchei menino, eu saía pra rua e caía sempre na rua, aí essa irmã que vem sempre aqui me ver me trouxe para aqui, quando eu vi tava aqui dentro. Acho bom aqui, já acostumei.

- *A senhora está aqui há quanto tempo?*

- Já faz uns 7 anos já. É muito tempo né

- *A sua irmã mais nova que trouxe a senhora para cá?*

- Não, é a caçula que me trouxe.

- *Então, é a que vem visitar a senhora sempre?*

- É a que vem aqui, e essa outra é a rica.

- *A senhora trabalhava antes?*

- Não trabalhava não, nunca trabalhei para fora, foi um erro, tinha que ter começado a trabalhar desde novinha em casa, meus pais não precisavam, mas eu tinha que ter trabalhado. Foi um erro, muito errada, tinha que ser empregada né que seja para varrer rua.

Eu adorava ir no Joana Dark ajudar na sopa, olhar as crianças, era ótimo, muito bom. Tenho muita vontade de ir lá ajudar de novo.

Você vem muito aqui?

- *Venho, a senhora não lembra de mim não?*
- A minha cabeça tá tão ruim, esqueço o que falo, esqueço as pessoas que eu vejo, conheço, tô velha.
- *A senhora está bem lúcida Dona Dinah. Agente esquece mesmo, é difícil lembrar de todo mundo. Eu é que estou sem vir aqui a um tempo, ultimamente eu ando meio afastado mas sempre que dá eu estou vindo.*
- Tô nada filho. Quantos anos você acha que eu tenho?
- *Ah uns 70.*
- Eu estou com 85 anos.
- *Não aparenta de jeito nenhum, a senhora está muito bem.*
- Nós estamos em, como é que é?
- 2005.
- Ah! 2005 já.
- *A senhora gosta daqui?*
- Já acostumei menino, faz 7 anos já né!
- *A senhora tem muita amizade com o pessoal daqui?*
- Não, não tenho muito não, gosto de ficar mais é quieta, hoje as pessoas são muito falsas.
- *Complicado né! O que a senhora gosta de fazer aqui?*
- Aqui não faço nada, nem ler num leio. Já fui no oculista duas vezes, comprei até armação cara mas eles roubam, não vou mais porque ele rouba.
- *Mas a senhora está dando conta de ler?*
- A minha vista é fraca, não dá pra ler mais, mas já li demais, a minha vida inteira, quando era mais nova, era ler, li muito livro espírita.
- *A senhora gosta de ler romance espírita?*
- É, li de tudo.
- *A senhora é espírita?*
- Sou.
- *A senhora assiste televisão, faz aulas de tricô?*
- Eu gostava de televisão agora não pego nada, cê acredita que nem Fantástico eu nunca peguei. Enjoei de televisão, em vez de distrair fica nervoso.
- *A senhora pensa em ir embora daqui algum dia, fazer alguma coisa?*
- Não penso não moço, detesto mudança, acho ruim demais mudar, assim fico quieta aqui até o dia que Deus quiser. A vida da gente muda muito né!

- *A senhora tem vontade de fazer alguma coisa ainda?*

- Não, não tenho não, nem quero fazer nada.

- *E ajudar lá no Joana Dark?*

- Ah! A sopa eu tenho vontade, o centro espírita.

- *A senhora ajudava muito lá?*

- Ajudava um pouco, não ajudava muito não.

- *A senhora freqüentava muito lá?*

- Ah, uma vez por semana. Ajudar na sopa, isso que eu fazia.

- *A senhora tinha o costume de viajar?*

- Não, fui a São Paulo uma vez, em Santos uma vez. Viajei pouco, em Prata tem muitos anos que eu não vou lá, é difícil ficar viajando, é cansativo.

- *A senhora gosta do pessoal que mora aqui?*

- Mais ou menos, mais ou menos.

- *Quem que a senhora conversa mais aqui?*

- Ah! Aqui com os enfermeiros só!

- *E com os outros internos? Dona Abadia, Baiana?*

- Muito não, não converso não.

- *A senhora gosta mais é de ficar quietinha né!*

- É mais quieta mesmo.

- *A senhora acorda muito cedo?*

- Hoje tomei banho às 5 horas, a mulher que fica de noite aqui três vezes por semana, toda vez, às 5 horas ela me chama pra tomar banho e eu vou. O banheiro fica desocupado, se ficar deixando pra mais tarde é uma confusão, quando tá assim vai tomar banho lá pelas 9:30 hr. Gosto muito, todo dia que essa moça vem eu tomo banho mais cedo.

- *Como que é o convívio da senhora com os funcionários?*

- É bom, eles tratam direitinho da gente.

ORAÇÃO DE UMA PESSOA IDOSA

“ Bem-aventurados aqueles que compreendem meus passos vacilantes e minhas mãos trêmulas.

Bem-aventurados os que levam em conta que meus ouvidos captam as palavras com dificuldade e por isso procuram falar-me mais alto e pausadamente.

Bem-aventurados os que desviam o olhar, simulando não ter visto o café que por vezes derramo sobre a mesa.

Bem-aventurados os que sorriem e conversam comigo

Bem-aventurados os que nunca dizem: “ Você já me contou isso tantas vezes”.

Bem-aventurados os que sabem dirigir a conversa e as recordações para as coisas do tempo passado.

Bem-aventurados os que me ajudam a atravessar a rua e não lamentam o tempo que me dedicam.

Bem-aventurados os que me fazem sentir que sou amado e não estou abandonado, tratando-me com respeito.

Bem-aventurados os que compreendem o quanto me custa encontrar forças para carregar a minha cruz.

Bem-aventurados os que amenizam os meus últimos anos sobre a terra.

Bem-aventurados todos aqueles que me dedicam afeto e carinho, fazendo-me assim pensar em Deus. Quando entrar na eternidade lembrar-me-ei deles Junto ao Senhor.”

Autor desconhecido.